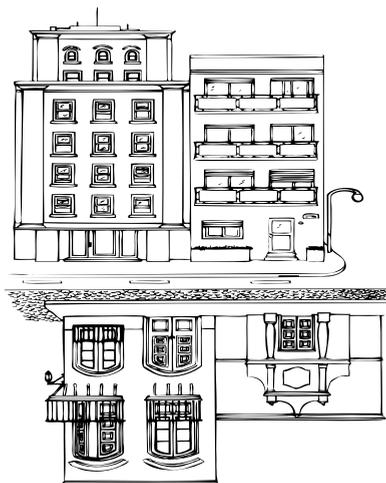


Número 5

ISSN 1853-7626

URBANIA

Revista latinoamericana de
arqueología e historia
de las ciudades



ARQUEOCOOP

Urbania. Revista de arqueología e historia de las ciudades

ISSN 1853-7626
Número 5 - 2016
Publicación anual por
Arqueocoop Ltda.
Impreso en Argentina

Director: *Ulises Camino*

Diseño de tapa: *Sheila Alí, Aniela Traba y Diana Vigliocco*

Logo ilustrado: *Diana Vigliocco*

Imagen de contratapa: *Archivo General de la Nación
(Argentina), Inventario 194*

Editado por Arqueocoop Ltda.

La revista *Urbania* es propiedad de la cooperativa de trabajo
Arqueocoop Ltda. (Matrícula N° 38226)

Comisión Directiva

Presidente: *Ulises Adrián Camino*

Vice-presidente: *Javier Ezequiel Hanela*

Secretaria: *María Cristal García*

Prosecretaria: *María Valeria Castiglioni*

Tesorera: *Silvina Tatiana Seguí*

Av. Gaona 4660

Of 6 y 7 - CP 1407

Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.

www.revistaurbania-com-ar.webnode.com -

urbaniapublicaciones@gmail.com

www.arqueocoop.com.ar

Suscripción anual:

Individual: Latinoamérica 12 U\$S - resto del mundo 17 U\$S

Institucional: Latinoamérica 22 U\$S - resto del mundo 27 U\$S

Director

Dr. Ulises Camino
Centro de Arqueología Urbana
(FADU, UBA) - UMSA

Comité Editorial

Secretaria:
Lic. Aniela Traba
Centro de Arqueología Urbana
(FADU, UBA) - CONICET

Lic. Sheila Alí
Instituto Nacional de
Antropología y Pensamiento
Latinoamericano

Valeria Castiglioni
Proyecto Arqueológico Flores
(FFyL, UBA)

Lic. Federico Coloca
Instituto de Arqueología
(FFyL, UBA) - CONICET

Javier Hanela
Proyecto Arqueológico Flores
(FFyL, UBA)

Silvina Seguí
Instituto de Arqueología
(FFyL, UBA)

Lic. Flavia Zorzi
Instituto de Arqueología (FFyL, UBA)
- CONICET - Centro de Arqueología
Urbana (FADU, UBA)

Comité Académico

Dr. Mariano Ramos
Dra. Ana María Rocchietti
Dr. Daniel Schávelzon
Dr. Mario Silveira
Dra. Alicia Tapia

Edición y Diagramación

Sheila Alí
Aniela Traba

Corrección de idiomas

Florencia Ronco (Portugués)
Celeste Sudera (Inglés)

Administración

Daniel Batres
Cristal García
Juan P. Orsi

Auspicios Institucionales



**Centro de
Arqueología
Urbana
FADU, UBA**

UMSA
UNIVERSIDAD
DEL MUSEO SOCIAL ARGENTINO

60 AÑOS
UMSA 2016
Tu potencial.
Nuestra experiencia.

Instituto de Investigación

**DIRECCIÓN GENERAL
DE PATRIMONIO,
MUSEOS Y CASCO HISTÓRICO**



Buenos Aires
Gobierno de la Ciudad



**Instituto Superior del Profesorado
"Dr. Joaquín V. González"**

M

MUNICIPIO DE MORON
Instituto y Archivo Histórico de Morón

Indización



MUSEO
de La Plata

latindex

**Catálogo - Folio 3117
(19/02/15)**



Evaluadores del Número 5

Dra. Alejandra Alonso Olvera
Instituto Nacional de Antropología
e Historia - México

Lic. Gabriel Cocco
Museo Etnográfico y Colonial y Parque
Arqueológico Santa Fe La Vieja, MlyC
Prov. de Santa Fe - Proyecto
Tecnológico Universidad de Barcelona
- Argentina

Lic. Keyte Ferreira
Universidad Federal de Mato Grosso –
Brasil

Dra. Patricia Fournier
Instituto Nacional de Antropología
- México

Dra. Mónica Grosso
Instituto Nacional de Antropología y
Pensamiento Latinoamericano -
Programa de Arqueología Subacuática
- Argentina

Verónica Martí
FCNYM, Universidad de La Plata –
Proyecto Arqueológico Quilmes

Dra. Virginia Salerno
CONICET - Instituto de
Arqueología, FFyL (UBA) -
Argentina

Lic. Patricia Salatino
Dirección General de Patrimonio e
Instituto Histórico de la CABA -
Argentina

Dra. Beatriz Thiesen
Universidad Federal de Río Grande
(UFRS) – Brasil

Dra. Marcia Bianchi Vilelli
CIC-CONICET - Argentina

Dr. Andres Zarankin
Universidad Federal de Minas
Gerais – Brasil

Fe de erratas:

En la lista de evaluadores de
Urbana N°4 (2015), pp. 5,
corresponde “*Dr. Horacio
Chiavazza*”.

URBANIA
REVISTA LATINOAMERICANA DE ARQUEOLOGÍA E HISTORIA DE
LAS CIUDADES

ISSN 1853-7626
Número 5 (2016)

CONTENIDOS

Editorial	9-12
Prólogo <i>Mariano Ramos</i>	13-20
Artículo Hibridismo e inovação em cerâmicas coloniais do Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII <i>Marcos André Torres de Souza y Tania Andrade Lima</i>	21-60
Ensayo A reciclagem dos significados locais: as praças históricas de Manaus <i>Tatiana Pedrosa</i>	61-70
Informes Extendidos	
Madera con historia: puerta colonial de la casa de Liniers <i>Ana María Giménez, María Eugenia Figueroa y José Díaz Zirpolo</i>	71-86
San Juan Bautista, Tabasco. Identidad de clase en una ciudad comercial durante la transición de los siglos XIX al XX <i>Miguel Guevara Chumacero y Alejandra Pichardo Fragoso</i>	87-116
Informes Breves	
Informe breve: Análisis de los botones <i>Prosser</i> del sitio "La Basurita" (Rosario, Santa Fe) <i>Ma. Fernanda Bruzzoni</i>	117-128

Defensa 1344. Una casa que persiste a pesar de la dinámica del paisaje urbano <i>Eva Bernat, Mario Silveira y Horacio Padula</i>	129-140
Entrevista Entrevista a Luis Lumbreras, por Javier Hanela	141-146
Normas Editoriales	147-158

HIBRIDISMO E INOVAÇÃO EM CERÂMICAS COLONIAIS DO RIO DE JANEIRO, SÉCULOS XVII E XVIII

Marcos André Torres de Souza^I
Tania Andrade Lima^{II}

Recibido: 30/04/2016

Aceptado: 17/11/2016

RESUMO

Este artigo examina um conjunto de artefatos cerâmicos provenientes de um sítio arqueológico localizado no centro histórico do Rio de Janeiro e datado entre fins do século 17 e meados do século 18, período em que essa cidade passou de um pequeno núcleo urbano situado na periferia do mundo colonial português para um dos mais importantes centros do Brasil e da América Latina. Na primeira parte do texto, é feita a caracterização desse material do ponto de vista da sua tecnologia, decoração e função. Na segunda parte, são examinados alguns dos sentidos e significados atribuídos a esses artefatos, com foco em três aspectos principais: a) sua relação com o desenvolvimento da cidade como centro cosmopolita e de fluxo intenso de mercadorias e pessoas; b) sua relação com sujeitos específicos, e c) com as lutas sociais do período colonial.

Palavras-chave: arqueologia urbana - Rio de Janeiro colonial - cerâmica histórica - hibridismo cultural - inovação cultural

HIBRIDISMO E INNOVACIÓN EN CERÁMICAS COLONIALES DE RÍO DE JANEIRO, SIGLOS XVII – XVIII

RESUMEN

Este artículo examina un conjunto de artefactos provenientes de un sitio arqueológico localizado en el centro histórico de Río de Janeiro datado entre finales del siglo XVII y mediados del siglo XVIII, periodo en el cual la ciudad pasó de ser un pequeño núcleo urbano situado en la periferia del mundo colonial portugués a ser uno de los más importantes centros de Brasil y de América Latina. En la primera parte del texto, se realiza una caracterización del material desde el punto de vista de su tecnología, decoración y

^IDepartamento de Antropologia / Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Arqueologia - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Brasil - torresdesouza@yahoo.com - ^{II}talima8@gmail.com

Torres de Souza, M., y T. Andrade Lima. 2016. Hibridismo e inovação em cerâmicas coloniais do Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII. *Urbánia. Revista latinoamericana de arqueología e historia de las ciudades* 5:21-60. ISSN 1853-7626. Arqueocoop Ltda. Buenos Aires.

función. En la segunda parte, son examinados algunos de los sentidos y significados atribuidos a dichos artefactos, enfocándose en tres aspectos principales: a) su relación con el desarrollo de la ciudad como centro cosmopolita y de flujo intenso de mercancías y personas; b) su relación con sujetos específicos, y c) su relación con las luchas sociales del periodo colonial.

Palabras clave: arqueología urbana - Rio de Janeiro colonial - cerámica histórica - hibridismo cultural - innovación cultural

HYBRIDISM AND INNOVATION IN COLONIAL POTTERY FROM RIO DE JANEIRO, 17TH AND 18TH CENTURIES

ABSTRACT

This article examines a sample of low fired earthen wares from an archaeological site located in downtown Rio de Janeiro dated between the last two decades of the seventeenth-century and the mid-eighteenth century. During this period, the city transformed from a small village located on the periphery of the Portuguese colonial world into one of the most important cities in Brazil and Latin America. The first part of this article describes the earthen wares, including their composition, decorations and functions. In the second part, some of the meanings attached to these artifacts are explored. This section focuses on three major aspects: a) the relation of these artifacts to the development of Rio de Janeiro as a cosmopolitan center and as a place of circulation of people and goods; b) their relation to specific individuals, and c) their relation to the social struggles of the colonial period.

Keywords: urban archaeology - colonial Rio de Janeiro - historical pottery - cultural Hybridism - cultural innovation

“Todo o nosso mundo, o mundo novo, foi construído a partir de uma radical experiência de ruptura: o homem novo, que pelas navegações parece incompatibilizar-se com suas próprias raízes, promete a si mesmo um mundo totalmente outro. Sua missão é nova: a construção de um mundo realmente inédito”

Bornheim 1998:18

INTRODUÇÃO

Na construção de sua história sobre o Rio de Janeiro do século 17, Vivaldo Coaracy (1944) compilou, em ordem cronológica, dados sobre a vida política, social e econômica da cidade. Levado pelos acontecimentos narrados na correspondência oficial, chega ao fim do seu texto com pelo menos duas impressões. Por um lado, nota um momento de transformação econômica operado nos últimos anos do século 17, amplamente impulsionado pela recém-descoberta de ouro nos sertões do Brasil, que teria sido responsável por um importante aquecimento da economia local e da vida na cidade. Por

outro, percebe, com muita perspicácia, o amadurecimento de uma sociedade que, gradualmente, adquiria características próprias. Conforme notado por ele, famílias se radicaram, gerações começaram a se suceder, e um certo senso de continuidade foi criado. Ao mesmo tempo em que o Rio de Janeiro crescia e se diversificava, sua população consolidava modos particulares de vida e existência.

Embora fazendo um percurso distinto e servindo-se de uma fonte diversa, este artigo pretende tocar em questões muito próximas às que foram colocadas por Coaracy. É nosso objetivo buscar uma compreensão da vida na cidade durante parte do período colonial, discutindo, por meio de uma perspectiva arqueológica, aspectos que se associam à emergência do Rio de Janeiro como um centro cosmopolita e a algumas das implicações desse processo, sobretudo aquelas ligadas à conformação cultural e social dos seus diferentes habitantes.

Para o encaminhamento dessas discussões, usamos como fonte uma amostra cerâmica proveniente de um pequeno terreno, de apenas de 580 m², situado na atual rua da Assembleia, centro do Rio de Janeiro. Esse sítio, pesquisado por uma equipe coordenada por Andrade Lima, revelou vários alicerces datados do século 18 e, por baixo deles, uma área de deposição arqueológica de excepcional fertilidade arqueológica. Revelou também, nos fundos do terreno, um poço d'água feito de alvenaria de pedra argamassada (Figura 1).

No século 17, esse sítio situava-se ao fim de um dos caminhos que, nascendo na praia, seguiam rumo ao interior. A essa época, a cidade ainda embrionária contava apenas com duas quadras situadas à beira mar. Com o correr do século 18, ela gradualmente se expandiu, assim como seu arruamento, incorporando de forma mais efetiva a atual rua da Assembleia (Figura 2). Nesse tempo, o terreno correspondente ao sítio não contava com qualquer edificação. As evidências encontradas sugerem que ele era utilizado até então apenas como área de dejeção de lixo e ponto de aguada, ambas as tarefas desempenhadas por cativos. A eles cabia o recolhimento e despejo do lixo urbano, assim como a coleta de água nos poços então existentes para ser distribuída à população, de tal forma que o sítio foi interpretado como um ponto de encontro de africanos escravizados. Seria só no último quartel daquele século que seriam feitas edificações no local, ocasião em que a área de despejo de dejetos mais antiga foi selada pelas construções que lhes foram sobrepostas. O poço continuou sendo utilizado, porém agora apenas em âmbito doméstico, por uma das habitações, tendo sido aparentemente desativado apenas nos últimos anos do século 18 ou início do 19 (Lima e Locks 2016).

Assim, não obstante suas pequenas dimensões, o sítio, pela sua localização em um ponto nevrálgico do núcleo urbano em expansão, e por concentrar evidências da sua dinâmica ao longo de vários séculos, constitui uma rara oportunidade para se observar elementos da vida cotidiana dos seus habitantes, inequivocamente associados a processos socioculturais mais amplos.

A cerâmica aqui analisada é proveniente dos estratos de ocupação mais antigos do sítio. Conforme indica a datação dos cachimbos de caulim aí encontrados, feita através do

método Harrington (1954), esse depósito teve um intervalo de formação situado entre cerca de 1680 e 1750¹. Relaciona-se, assim, a um momento específico da história da cidade, associado ao seu crescimento econômico e anterior à transferência da sede do vice-reino de Salvador para o Rio de Janeiro, em 1763. Dada essa característica, esse sítio oferece uma janela importante para a compreensão do cotidiano da cidade nesse período, situando-se em um momento em que sua vida política, econômica e social florescia, ao mesmo tempo em que nela se sedimentavam modos próprios de existência.

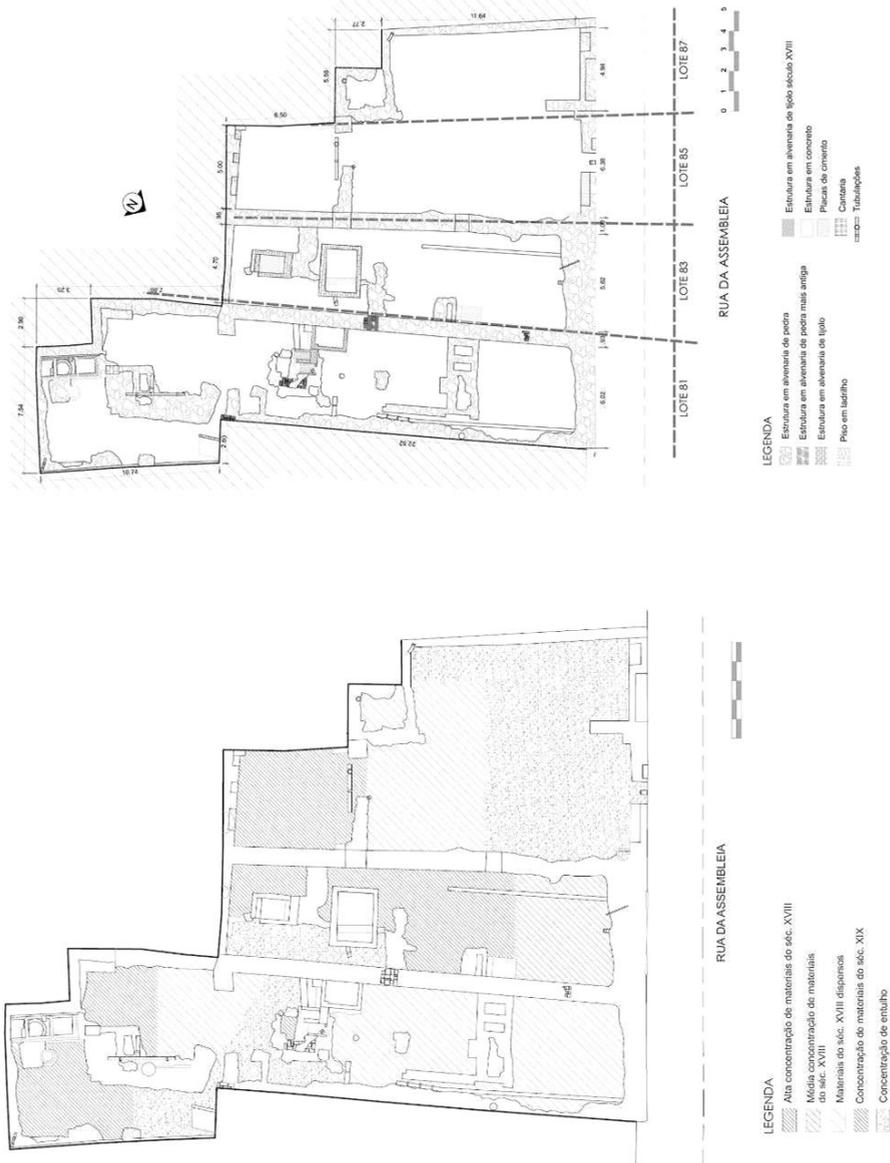


Figura 1. À direita, planta com a localização das estruturas arqueológicas identificadas; à esquerda, planta com a distribuição dos materiais arqueológicos encontrados no terreno (Lima e Locks 2016).

Esse sítio, por se tratar de uma área de despejo do lixo urbano produzido nas suas cercanias, oferece também uma rara oportunidade para a compreensão das práticas culturais associadas às pessoas que viviam nas suas imediações. Em função da sua localização e uso, ele pode ser relacionado a um número muito variado de indivíduos cujo lixo foi depositado lá. Conforme assinalaram Lima e Locks (2016), “os mais diversos segmentos da população aí circulavam ou estavam estabelecidos: aristocratas, grandes negociantes, altas e baixas patentes militares, altos e baixos funcionários da burocracia civil, membros da hierarquia do clero, pequenos comerciantes, oficiais mecânicos, artesãos, aventureiros, traficantes de escravos, indígenas e africanos escravizados, entre outros”. Nesse sentido, a análise desse conjunto cerâmico pode permitir novas compreensões sobre a existência e sentidos dados por essas pessoas as suas vidas. Para o encaminhamento dessas discussões, a análise de artefatos cerâmicos pode ser especialmente útil, na medida em que eles eram, pelo menos em parte, produzidos no nível local ou regional e, desse modo, estavam mais diretamente abertos à influência dos seus produtores e usuários.



Figura 2. Planta da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, de autoria de Jean Massé, 1714, que representa o incipiente núcleo urbano à época. A atual rua da Assembleia é a segunda, da esquerda para a direita, e o ponto assinala a localização do terreno investigado.

Para fins analíticos, vamos considerar neste artigo um conjunto específico de artefatos: as chamadas cerâmicas simples, que são aquelas que foram queimadas em baixas temperaturas e não receberam qualquer tipo de vitrificação, glasura ou esmalte. Nossa análise vai se restringir ainda àquelas de uso cotidiano e que foram empregadas no

processamento e armazenagem de alimentos, bem como àquelas de uso multifuncional que serviram, pelo menos em parte, para funções ligadas à alimentação. Esse conjunto compõe uma parte muito significativa da amostra, estando representado por um número mínimo de 550 peças, referentes a 469 recipientes e 81 tampas². Entre esses vasilhames, 89,9% tiveram sua função identificada, o que favorece sua correlação com certas atividades cotidianas.

Para a interpretação desses dados, tomaremos como ponto de partida o conceito de hibridação, conforme proposto por Canclini (2006). Baseado em algumas das proposições de Homi Babha, esse autor entende as culturas como sistemas abertos e dinâmicos, de tal forma que quando acontecem encontros, tem início a formação de híbridos, que, segundo ele, constituem-se em processos que podem resultar em inúmeras combinações, como assimilação, repulsão, fusão, exclusão, etc., surgindo, desse processo, algo inteiramente novo.

Na primeira parte deste texto, apresentamos os dados relativos às cerâmicas, que foram sistematizados em referência a grandes conjuntos funcionais, além das tampas, tratadas separadamente. Em seguida, apresentamos algumas considerações referentes aos sentidos e significados ligados a esses utensílios, esperando, com isso, contribuir para uma melhor compreensão das vivências no Rio de Janeiro colonial.

A AMOSTRA CERÂMICA

As peças utilizadas no preparo de alimentos

Os recipientes utilizados no preparo de alimentos constituíram o grupo mais abundante, totalizando um número mínimo de 201 peças, o que representa 50% dos recipientes cuja função pode ser identificadas³.

Do ponto de vista da sua manufatura, esse conjunto apresentou poucas evidências do emprego da técnica do acordelado, que no Brasil era comumente utilizada para a confecção desse tipo de recipiente. Contrariando o que seria esperado, foi identificado um número elevado de peças confeccionadas por moldagem⁴. Esses recipientes eram geralmente moldados da base até o ponto em que o bojo alcançava seu maior diâmetro. Desse ponto até a abertura, o recipiente era acabado por modelagem.

A adição mais frequentemente encontrada foi o quartzo moído que, via de regra, apresenta-se de forma heterogênea. Tendo em vista sua angulação, quase sempre acentuada, bem como sua recorrência na amostra, pode-se considerar que ele foi, muito possivelmente, acrescentado de forma intencional à argila para servir como tempero. Outras adições foram também encontradas, ainda que com baixíssima incidência. Entre essas, apenas cacos moídos podem ser efetivamente caracterizados como tempero. As demais identificadas não permitem essa afirmativa, estando incluídos nesse grupo outros tipos de mineral, fragmentos de tijolos, saibro e conchas, que podiam estar presentes nas fontes de argila⁵.

As características físicas desses recipientes sugerem que as estratégias usadas para garantir-lhes resistência ao fogo foi variada. No Brasil, a mais comumente usada com esse fim era a queima do vasilhame em atmosfera redutora ou esfumarada, que produz uma coloração escurecida na pasta e dá ao vasilhame maior resistência ao calor. A presença desse tipo de queima nos recipientes da amostra usados no preparo de alimentos é, todavia, pouco frequente, aparecendo em apenas 12,4% dos casos, o que também parece contrariar uma tendência verificada em outros contextos brasileiros. Em alguns casos, a resistência ao fogo era alcançada por meio de outros mecanismos, como a manufatura de paredes mais finas, que conduzem melhor o calor e reduzem o gradiente térmico entre as superfícies externa e interna (Rice 1987:237). Ainda que não seja possível verificar a intencionalidade de algumas inclusões, deve-se considerar que as conchas e tijolos moídos podem também ter contribuído para dar a esses recipientes maior tolerância ao fogo, já que eles têm a propriedade de reduzir o *stress* térmico (Rice 1987:230).

Os recipientes empregados no preparo de alimentos foram, em geral, aparelhados para serem manuseados com mais facilidade, de modo a prevenir choques ou contato do seu usuário com o calor, o que os aproxima, nesse particular, das panelas usadas na Europa e, em especial, Portugal. Esses utensílios apresentam bases planas, o que lhes confere estabilidade em superfícies tais como mesas, armários e estantes. Um grande número de asas e alças foi também identificado⁶. Geralmente presentes na parte superior do bojo ou próximo ao lábio, esses apêndices aparecem em número de dois, colocados em lados opostos do recipiente. Um dado interessante a esse respeito vem da feição das asas. Em muitas regiões brasileiras, elas foram feitas com apenas uma pequena reentrância para os dedos. Nas panelas desse sítio, muitos desses apêndices permitiam uma melhor pegada, graças à criação de um contorno mais protuberante ou de um pegador vazado, conformando uma asa (Figuras 3 e 4). É interessante notar que, neste último caso, temos uma maior aproximação com as panelas portuguesas do período, que apresentavam também pegadores vazados e com mais espaço para a colocação das mãos ou dedos. Em 35,3% das peças de preparo de alimentos foi identificada ainda a ocorrência de um tratamento de superfície escovado na parte externa. Esse tratamento era geralmente produzido pelo uso de sabugos de milho, resultando em uma superfície texturizada que permitia o manuseio mais seguro da peça. Deve-se considerar que a presença de tais recursos não é verificada de forma universal, sendo um indicador importante de demandas culturais de origem europeia que, conforme se verá adiante, se repete em outras das variáveis analisadas.

As formas desses recipientes mostraram-se bastante variadas, tendo sido identificado um total de 17 tipos (Figura 5)⁷. Embora, no seu conjunto, estivessem associadas a sujeitos muito diversos, podiam estar relacionadas, em certas situações, a grupos mais restritos. Acreditamos que esse tenha sido o caso do recipiente mais popular da amostra, que atribuímos aos cativos de origem africana. Esse tipo compreende um conjunto de 52 utensílios globulares que, somados, perfazem 16,7% da amostra total (Figura 5, formas 7 a 9). Embora essa forma seja disseminada nas mais diferentes culturas, deve-se notar que em Portugal ela não gozava de qualquer popularidade. Na literatura por nós levantada e referente à antiga metrópole, encontramos sua ocorrência apenas na região de Almada, em um contexto datado entre fins do século 17 e início do século 18. Os pesquisadores que

estudaram essa cerâmica (Barros e Cardoso 2008), a identificaram como estranha ao período, relacionando-a aos escravos que lá viveram. Assim como esses autores, acreditamos que é do continente africano que vem a escolha por esse tipo de forma. Embora seja muito difícil mapear influências mais específicas, deve-se considerar que seu uso é comum em diferentes tradições ceramistas ligadas às regiões africanas do tráfico atlântico⁸, bem como em outras partes das Américas onde foi maciça a presença de cativos provenientes dessas regiões. Por exemplo, em uma pesquisa arqueológica realizada na colônia pioneira de Puerto Real (Haiti), Deagan (1996:147-148) identificou recipientes com esse tipo de forma que, segundo ela, são de influência africana. É interessante notar que, na rua da Assembleia, essa cerâmica geralmente se associa a um diâmetro de base muito pequeno e a uma junção bojo-base mal definida, sugerindo que os produtores desse tipo de recipiente aderiram de forma relutante à demanda colonial por recipientes estáveis e de fácil apoio em superfícies planas. Conforme discutido anteriormente por Souza (2015) há em muitas regiões da África uma clara preferência por bases côncavas, na medida em que elas se ajustam melhor a fogões formados por tripés e a apoios improvisados, ou simplesmente ao descanso no solo onde se assenta uma fogueira. A Figura 6 (a) exemplifica a transposição dessa associação panela-fogo para o contexto brasileiro. Nela vê-se uma escrava nas ruas do Rio de Janeiro cozinhando em um recipiente globular que está apoiado quase que diretamente sobre o fogo.



Figura 3. Alças de panelas.



Figura 4. Detalhe de asa de panela.

Enquanto algumas formas parecem se aproximar de modo mais direto das encontradas no continente africano, outras se mostram mais próximas de uma tradição portuguesa. O exemplo que nos parece mais evidente é o da forma 14 (Figuras 5 e 7). Esse tipo de recipiente, assim como sua asa, que tem um formato triangular localizado na borda do recipiente, é recorrente nos tachos, frigideiras e caçarolas recuperados em contextos arqueológicos associados ao período moderno português (cf. Fernandes e Carvalho 1998; Silva e Guinote 1998). Outros recipientes apresentam correlações mais discretas. Esse é o caso das formas 10 e 11 (Figura 5), cujo contorno e feição assemelham-se a um tipo de panela muito popular em Portugal nos séculos 17 e 18 (cf. Diogo e Trindade 1995; Cardoso e Rodrigues 1997).

A despeito dessas afinidades, a maioria das formas identificadas não pode ser relacionada a tradições ceramistas específicas. Encontram, todavia, correlatos com outros contextos regionais brasileiros. Esse é, por exemplo, o caso das formas 2 e 3 representadas na Figura 5 (cf. Souza e Symanski 2009: 531).

Um grupo importante neste conjunto refere-se a três tipos de recipientes de boca larga (Figura 5, formas 15 a 17), que incluem duas formas de frigideiras (Figura 15, formas 15 e 16). Este grupo apresenta, com alguma frequência, marcas de deposição de carbono na sua parte interna, produzidas durante o processo de cocção dos alimentos⁹. Nesse tipo de vasilhame, a queima redutora aparece em maior proporção, sugerindo sua produção com vistas à obtenção de maior resistência térmica. Dadas as suas características, foram muito possivelmente empregados em processos de fritura ou torração de alimentos em ponto próximo à fonte de calor. Um exemplo desse tipo de recipiente aparece em uma ilustração feita por Debret (Figura 6, e).

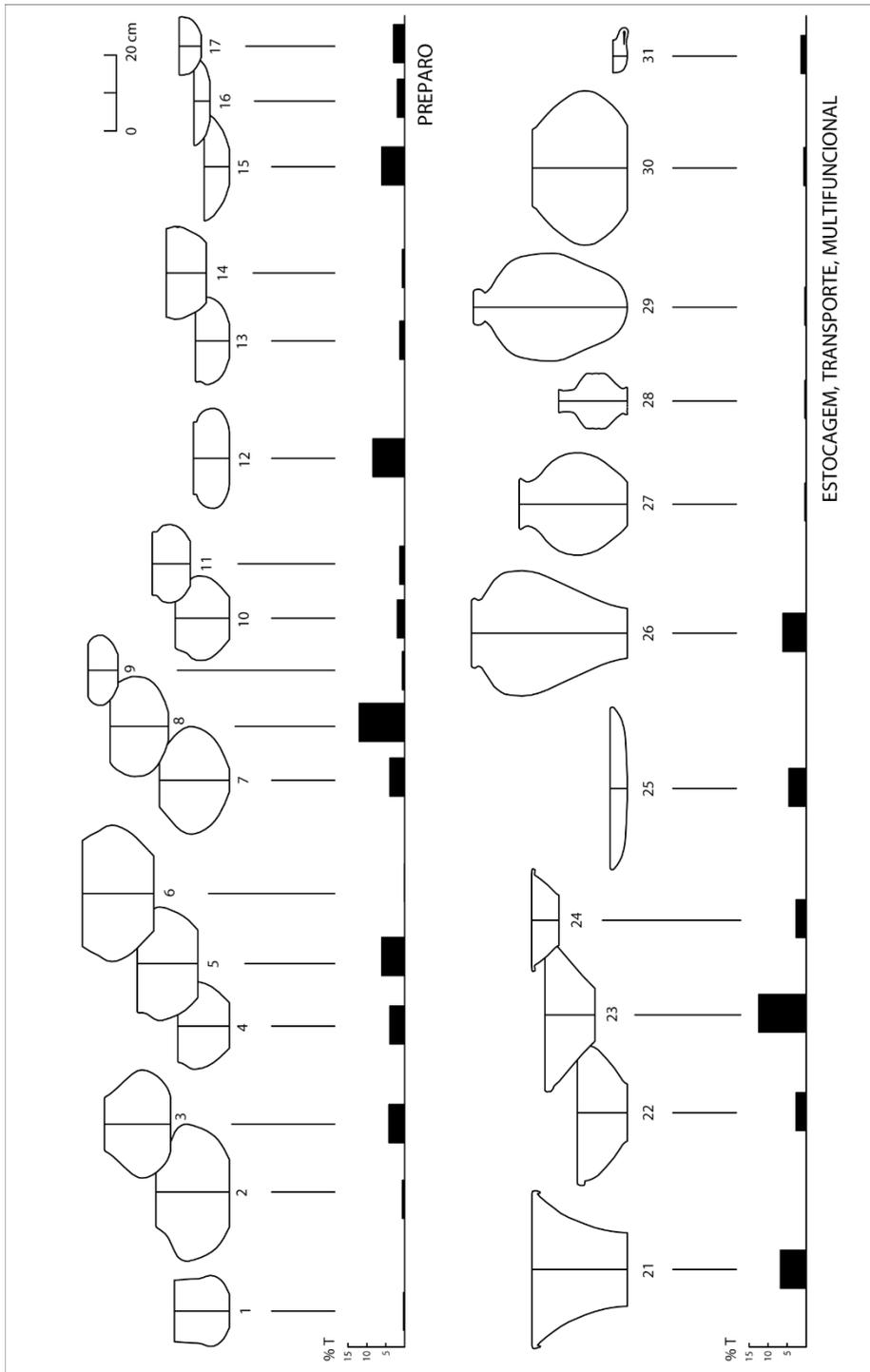


Figura 5. Formas e frequências percentuais dos recipientes usados no preparo, estocagem e transporte de alimentos, e de uso multifuncional. Os gráficos da parte inferior da figura referem-se aos percentuais de cada forma em relação ao total da amostra.



Figura 6. Reproduções parciais de obras de Jean-Baptiste Debret: a) “Negra de ganho e negra cega”, c.1817-1829; b) “Aluá, limões, doces e canas-de-açúcar, os refrescos usuais nas tardes de verão”, 1826; c) “Quitadeiras de diversas qualidades”, 1826; d) “Máscara que se usa nos negros que têm o hábito de comer terra”, c.1817-1829; e) “Família pobre recolhendo produto do trabalho da negra velha que carrega água”, 1827; f-g) *Carnet* da Biblioteca Nacional da França, 1817-1829; h) “Vasos feitos de terra”, 1835.

Além dessas formas, aparecem outras menos populares. Algumas delas chegam a estar representadas, curiosamente, por apenas uma peça, como é o caso da forma 1 (Figura 5). Embora única na amostra, ela aparece com frequência em alguns contextos coloniais ligados à mineração (Souza 2015). Como se verá adiante, a decoração que esse recipiente apresenta é também bastante distinta. Tendo em vista a incidência isolada desse tipo de forma na amostra, bem como sua recorrência em contextos mineradores, é possível que sua introdução tenha sido feita por viajantes oriundos dessas regiões. Ainda que a confirmação da presença de cerâmicas exógenas na amostra só seja possível por meio de análises químicas e físicas, o que foge ao escopo da presente análise, é importante considerar que alguns desses recipientes podem estar ligados ao trânsito de pessoas com diversas procedências na cidade. Não deve, inclusive, ser descartada a possibilidade de existirem, nesta amostra, peças provenientes de Portugal.

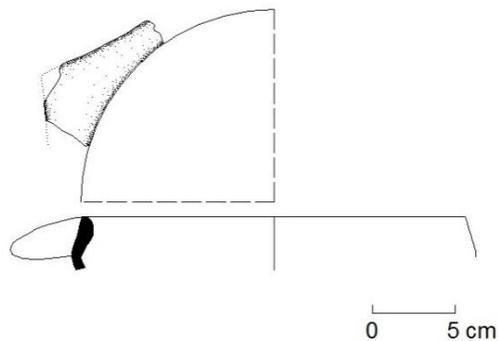


Figura 7. Forma 14.

Como um todo, a diversidade de formas encontradas neste conjunto sinaliza uma conjunção de diferentes influências e contatos culturais. As decorações presentes nessas peças, ainda que tenham baixa incidência, nos permitem avançar nessa discussão.

Os utensílios utilizados no preparo de alimentos foram os que apresentaram menor percentual de peças decoradas. Apenas 36,8% dos recipientes apresentou decoração, tendo sido possível a identificação do tipo de padrão decorativo em 32,6% dos casos. Entre esses, o mais comum era formado por uma faixa contínua horizontal, produzida pela sucessão de digitados, ungulados ou digitungulados, presente em 22,5% da amostra¹⁰. Essa faixa circundava toda a peça, no bojo superior ou no pescoço do recipiente (Figura 8, a). Está presente também em algumas asas, que geralmente apresentam essa faixa decorada na sua parte superior (Figura 4). Uma característica importante de ser observada nessas decorações diz respeito a sua aplicação em diferentes tipos de forma. Embora presente em apenas 22,5% das peças, elas ocorrem em boa parte dos tipos identificados, conforme pode ser notado na Tabela 1. Se os casos negativos e com baixa incidência na amostra forem excluídos (formas 1, 11, 13 e 14), pode-se notar que apenas a forma 12 não apresenta esse padrão, sendo, assim, a única que pode ser efetivamente caracterizada como um caso onde ele não está presente. Dado o uso disseminado dessa faixa decorada, é possível perceber, entre seus produtores, um interesse pela criação de

uma linguagem comum para esses recipientes. Não obstante, e a despeito da relevância desse tipo de decoração, havia certas resistências para que sua adoção se generalizasse inteiramente. Por exemplo, a forma 12 apresentou-se, invariavelmente, sem qualquer decoração. Há casos também em que o padrão formado por digitados, ungulados ou digitungulados aparece em percentuais muito pequenos, como, por exemplo, nas formas 8, 15 e 16, cuja incidência gira entre 10 e 17%. Não é clara a razão dessa variação.

Além do padrão acima descrito, foram encontrados outros, que acrescentam alguma diversidade à amostra. Em termos de popularidade, seguiram-se diversos padrões produzidos por incisão e, ocasionalmente, por sulcos, que estão presentes em 6,7% dos recipientes. O mais popular desse grupo é constituído por um friso único circundando a peça, geralmente colocado próximo ao lábio. Essa decoração está presente em 5,4% dos casos. Ainda mais incomum foi a presença de um ondulado horizontal, também circundando a peça, e é interessante notar que, apesar de estar representado por apenas um recipiente, esse padrão viria a gozar de certa popularidade no século 19, aparecendo, inclusive, em diferentes sítios da região sudeste datados desse período (Agostini 1998:130-141; 2011). Essa incidência coincide com as ilustrações feitas por Debret, que o representou mais de uma vez na sua obra (Figura 6, f e g). Conforme se verá adiante, esse padrão deriva daquele usado nas peças ligadas à estocagem de alimentos.

Padrões incisivos incomuns apareceram ainda em dois outros recipientes. Nesses casos, eles são formados por linhas paralelas finamente executadas e que dão origem a motivos geométricos retilíneos (Figura 8, b e c). Embora completamente estranhas a essa amostra, essas decorações foram muito comuns em contextos do século 18 ligados aos paulistas (Morales 2001; Zanettini 2005) e suas zonas de influência, como Goiás (Souza 2002, 2010), Mato Grosso (Souza e Symanski 2009) e Rio Grande do Sul (Jacobus 1996). Neste caso, parece mais plausível considerarmos essas peças como exógenas, possivelmente trazidas por viajantes. Essa possibilidade é reforçada pela forma associada a uma dessas decorações (Figura 5, forma 1) que, conforme antes assinalado, é provavelmente de produção externa. Foram encontradas ainda decorações produzidas por meio de outras técnicas, que aparecem de forma muito ocasional na amostra, incluindo o corrugado, acanalado e impresso. Entre essas, deve ser destacado o corrugado, um tipo de decoração caracteristicamente indígena e que foi verificado em apenas um recipiente.

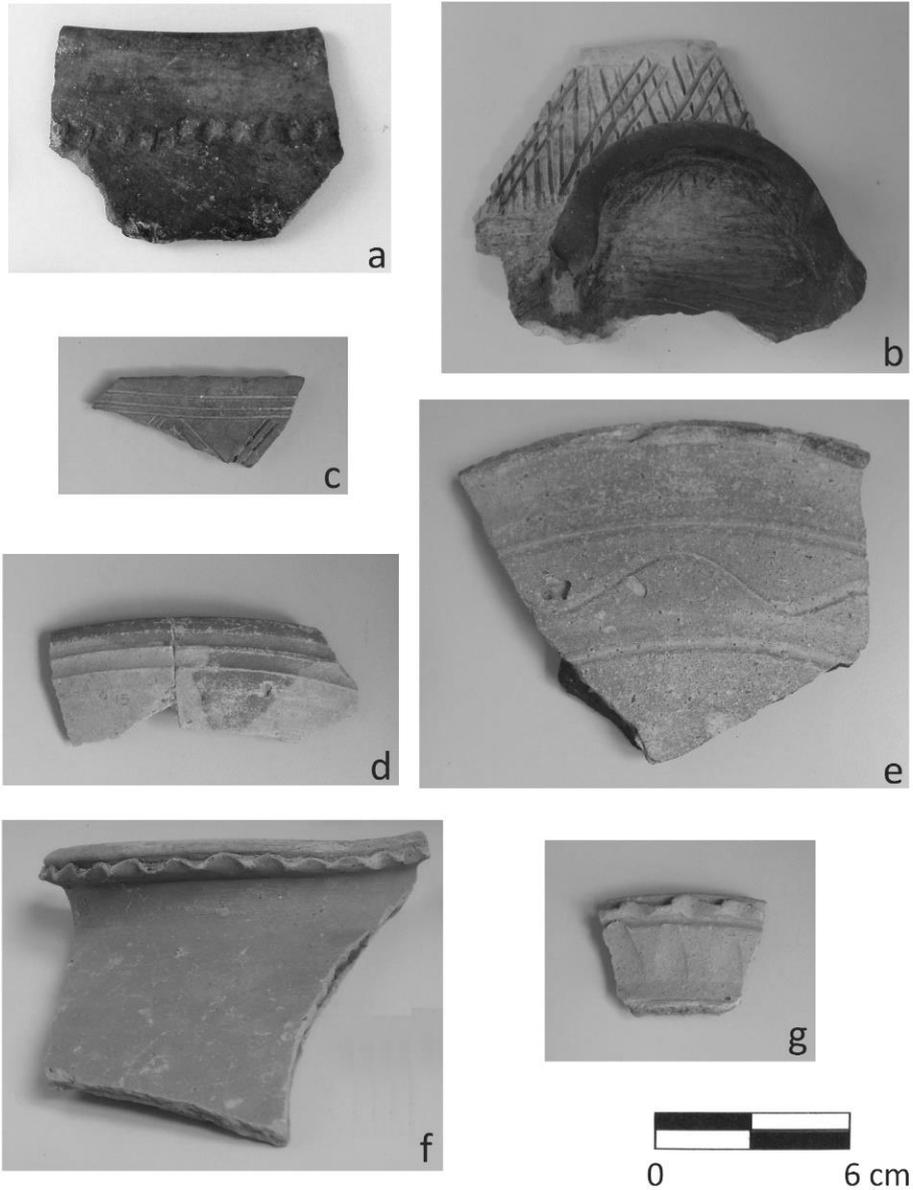


Figura 8. Material cerâmico proveniente da rua da Assembleia com diferentes tipos de decoração: a) digitungulado; b) incisões cruzadas sobrepostas a roletes aparentes; c) incisões formando ziguezagues com friso na parte superior; d) pinturas e frisos próximos à borda; e) ondulados horizontais; f) Faixas; g) decoração "barroca".

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
N Peças	1	2	13	12	19	3	12	38	2	6	4	26	4	2	19	6	9
N Dec	0	1	9	7	1	3	6	5	2	3	0	0	0	0	2	1	1
% Dec	0,0	50	69,2	58,3	5,3	100	50	13,2	100	50	0,0	0,0	0,0	0,0	10,5	16,7	11,1

Tabela 1. Frequências percentuais dos padrões formados por digitados, unglados e digitunglados nas formas associadas ao preparo de alimentos.

As peças usadas no serviço e consumo de alimentos

No século 18, os itens ligados ao serviço e consumo de alimentos apresentavam certa relevância, uma tendência que se tornou decrescente com a chegada do século 19. Todavia, este conjunto apresentou um número surpreendentemente baixo de peças, tendo sido identificado um mínimo de 15 recipientes, o que representa apenas 4,8% da amostra. Dado que ele se mostrou muito reduzido, não foi possível verificar com segurança as técnicas empregadas na sua confecção ou preferências específicas no uso de temperos. No que diz respeito à queima, ela parece indicar ter havido uma escolha por atmosferas oxidantes, tendência que geralmente é verificada em outros contextos ligados ao período colonial (e.g. Souza e Symanski 2009; Souza 2010). Ao contrário dos demais conjuntos, essas peças não apresentaram asas ou alças.

Para este conjunto foram identificadas apenas três formas de tigela. A primeira, representada por cinco recipientes, exibe um contorno simples, com uma parede completamente curva (Figura 9, a). A segunda, representada por nove recipientes, tende a ser mais rasa, possuindo uma inflexão característica próxima à borda. A terceira, representada apenas por um recipiente, possui um contorno composto, apresentando uma carena na porção média-superior do seu bojo.

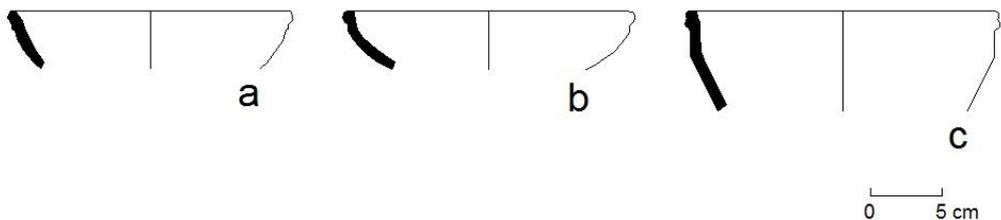


Figura 9. Formas de tigelas identificadas. a) Forma 18; b) forma 19; c) forma 20.

De modo geral, as formas desses recipientes parecem querer reproduzir as tigelas e escudelas portuguesas do período. Embora a de número 18 ocorra com frequência nos mais diversos contextos, incluindo aqueles ligados ao período colonial no Brasil (e.g. Souza 2002:70), ela foi de uso comum em Portugal (cf. Alves et al. 1998; Silva e Guinote 1998). O mesmo pode ser dito acerca das formas 19 (cf. Alves et al. 1998; Diogo e Trindade 2000; Teichner 2003; Gomes 2012) e 20, cujo contorno carenado é igualmente encontrado em conjuntos cerâmicos portugueses (cf. Fernandes e Carvalho 1998; Teichner 2003; Leite e Nunes 2008:191).

Essa afinidade das tigelas com seus congêneres portugueses é reforçada pela decoração presente nesses recipientes. Entre as peças pertencentes a esse conjunto, 89,1% apresentaram decoração composta, predominantemente, por frisos retilíneos colocados próximo à borda, em 45,5% das peças. Em termos de popularidade, seguem-se os padrões compondo faixas contínuas próximas à borda, presentes em 18,2% das peças; e a cobertura da peça com pintura vermelha¹¹, ora externa, ora interna, presente também em 18,2% das peças (Figura 8, d). Em Portugal, essas decorações eram usadas de forma recorrente nas tigelas e escudelas (cf. Silva e Guinote 1998; Diogo e Trindade 2000), o que reforça a ligação entre o conjunto encontrado na rua da Assembleia e a antiga metrópole.

É merecedora de menção a ausência de malgas cerâmicas, geralmente usadas no consumo individual de alimentos líquidos ou pastosos e com frequência presentes em contextos datados do século 18 (e.g. Souza 2002). Tampouco foram encontrados pratos ou púcaros, igualmente utilizados em Portugal e encontrados em contextos coloniais antigos no Brasil, sobretudo estes últimos (Etchevarne 2006). Chama a atenção na amostra a ausência dessas formas, bem como, de modo mais amplo, a baixíssima incidência de peças ligadas ao serviço e consumo de alimentos. Deve-se considerar que desses itens servia-se não só a população livre, mas também a cativa. A preferência dos africanos e seus descendentes por malgas e tigelas tem sido verificada em diversos contextos do Brasil e das Américas (Symanski e Souza 2007:232-234), o que torna esse dado ainda mais surpreendente.

Conforme já notamos, a baixa popularidade de cerâmicas ligadas ao serviço e consumo de alimentos tem sido geralmente observada em contextos datados do século 19. Essa ausência tem sido explicada pela introdução e progressivo barateamento das faianças finas europeias. No Brasil, esse processo foi, por um lado, resultante da Revolução Industrial; e, por outro, da chegada da Família Real ao Brasil e da conseqüente facilitação à entrada de itens importados, antes protegida por um conjunto de leis e normas protecionistas. O impacto da introdução de faianças finas no Brasil foi constatado, por exemplo, em quatro engenhos da Chapada dos Guimarães (MT) pesquisados por Symanski (2006). Nesses sítios foi verificada uma concomitância entre a progressiva popularização de faianças finas a partir do fim do século 18 e um processo de diminuição gradual da incidência de cerâmicas utilizadas no serviço e consumo de alimentos (Souza e Symanski 2009). A baixa incidência dessas peças na rua da Assembleia teve, certamente, outras razões. A amostra aqui considerada data de um período anterior à popularização das faianças finas, que só seria iniciada com o desenvolvimento da *creamware* por Josiah Wedgwood, em 1759 (Noël Hume 1969:124). Nesse sítio, essa função pode ter sido cumprida, ao menos em parte, pelas faianças portuguesas, que ocorreram com elevada frequência.

As peças usadas na estocagem e transporte de alimentos e as de uso multifuncional

Um número significativo da amostra é composto por um conjunto formado por peças utilizadas na estocagem e transporte de alimentos, bem como por aquelas de uso multifuncional¹². Esse conjunto soma um número mínimo de 118 peças, o que representa 37,9% dos recipientes cuja função pôde ser identificada.

Sua manufatura foi feita maciçamente por meio de torno, diferindo, nesse sentido, das demais. Assim como nos outros conjuntos, apresentou como tempero quartzo móido. Todavia, quando comparado às peças usadas no preparo de alimentos, esse mineral mostrou uma ligeira tendência a apresentar partículas menores e mais homogêneas. Para este sítio, isto pode ser explicado, ao menos em parte, pelo fato de esses recipientes terem sido majoritariamente produzidos em torno. Quando essa técnica é empregada, a/o ceramista tende a preferir o uso de argilas com partículas menores, de modo a reduzir a abrasão excessiva nas mãos quando a roda é girada (Rice 1987:128-129). A queima também mostrou diferenças sutis, predominando uma assinatura de cor clara, geralmente associada a ambientes oxidantes (Shepard 1956:106-107). Esses recipientes geralmente possuíam apêndices destinados ao manuseio da peça, predominando as alças, que eram geralmente largas e com espaço suficiente para a colocação dos dedos e mãos. Uma comparação desses apêndices com os que são usados em Portugal permite uma associação muito clara entre ambos (cf. Alves et al. 1998; Teichner 2003; Luna e Cardoso 2004).

Em relação às formas, foi identificado um total de 11 tipos (Figura 5). Um deles permite explicar a grande incidência desse conjunto na amostra. Ele está representado por quatro pequenos recipientes cerâmicos que, embora possuam dimensões variáveis, apresentam-se sempre rasos, com baixa capacidade e uma alça característica, formada pela dobradura de uma lingueta de argila (Figura 5, Forma 31; Figura 10). Alguns deles apresentam inscrições no bojo, como a peça que aparece no primeiro plano da Figura 10. Em Lisboa, inscrições semelhantes foram encontradas em cerâmicas recuperadas próximas a um poço seiscentista, sendo descritas como “marcas de medida” (Batalha e Cardoso 2013:119). A conformação dos recipientes encontrados, bem como a presença de tais marcas, indica seu uso como medidores no comércio de gêneros alimentícios. Sua utilidade era não só a de permitir a venda de certos produtos em uma medida regulada, mas também a transferência de substâncias a partir do recipiente onde elas estavam estocadas. Essa função era assegurada pelo tipo de asa, que, pela sua conformação, facilitava movimentos verticais. Um exemplo dessa utilidade pode ser visto em uma ilustração feita por Debret, onde se vê uma vendedora de rua servindo algum tipo de alimento líquido a uma de suas clientes (Figura 6, b). Encontrado em diversos pontos do sítio, esse pequeno recipiente, mais adequado a sólidos, ajuda a explicar a alta incidência deste conjunto, sinalizando a presença de comerciantes de alimentos nas suas vizinhanças, os quais provavelmente utilizaram cerâmicas de estocagem nas suas atividades.

Entre as formas identificadas, distinguem-se cinco que estão entre as mais populares e que são compostas por recipientes com abertura irrestrita (Figura 5, Formas 21 a 25). Entre essas, verifica-se um tipo de maiores proporções, que compreende 6,8% da amostra total. Essa forma era extrovertida e provida de uma borda reforçada ou dobra externa (Figura 5, Forma 21). Com um diâmetro de abertura que podia exceder 51 centímetros, era provavelmente destinada ao armazenamento de substâncias sólidas ou líquidas em maior quantidade. Em virtude de possuir uma abertura larga e irrestrita, permitia o fácil acesso a seu conteúdo. Um exame preliminar da sua superfície interna revelou diferentes tipos de desgaste, alguns indicando processos ligados à corrosão química, geralmente produzida por salmouras, óleos e outras substâncias, ou à erosão salina, causada pela

penetração de sais em solução nas paredes do vasilhame (Dantas e Lima 2006:33-34). Em vista desse conjunto de evidências, associamos esta forma à venda de alimentos.



Figura 10. Medidores.

Entre os recipientes de abertura irrestrita estão incluídos também os alguidares, os mais populares deste conjunto, que são muito comuns em contextos brasileiros. Estão representados por três diferentes tipos que, somados, representam 17,7% da amostra (Figura 5, Formas 22 a 24). Assim como no caso da forma 21, possuem boca larga e lábio extrovertido, geralmente com dobra ou reforço externo. Apresentam-se, todavia, mais rasos. O alguidar é talvez a forma mais versátil e polivalente dos recipientes cerâmicos encontrados em sítios históricos. Em um estudo etnoarqueológico sobre as cerâmicas produzidas em Portugal, Fernandes (2012:293-295) identificou na documentação histórica menções ao uso desse tipo de recipiente nos serviços de cozinha, na higiene pessoal, e na venda de peixe e outros produtos. No Brasil, deve-se acrescentar seu uso, muito conhecido, em rituais de matriz africana¹³. Embora seja muito difícil identificar os usos reais desses itens no contexto estudado, consideramos como possível que, ao lado dos usos domésticos que lhes eram consagrados, eles também estivessem sendo usados na comercialização de gêneros.

Outro tipo identificado na amostra inclui recipientes cuja forma é muito larga e rasa (Figura 5, Forma 25). A exemplo dos demais, possuía a borda ora reforçada, ora dobrada externamente. Desse grupo, foi identificado um número mínimo de 14 peças, representando 4,5% da amostra total do sítio. Assim como os alguidares, ele podia cumprir diferentes funções domésticas, bem como ser empregado na comercialização de gêneros. Nas ilustrações feitas pelos viajantes que passaram pela cidade na primeira metade do século 19, essas formas são presença constante, geralmente aparecendo nas mãos de escravas ocupadas com o pequeno comércio de rua. Nessas ilustrações elas são

usadas para conter frutas ou outros tipos de recipientes, dispostos uns sobre os outros (Figura 6, c). Valiam-se essas vendedoras da reconhecida facilidade de empilhamento que têm recipientes rasos e de abertura irrestrita, permitindo, assim, seu transporte de modo mais conveniente (Rice 1987:240). Ao que sugerem essas ilustrações, deviam concorrer com as gamelas de madeira e os cestos de boca larga, cuja feição era similar aos congêneres cerâmicos.

Além dessas formas, foram encontradas outras cuja abertura era restrita. A mais popular desse grupo era composta pelas talhas (Figura 5, Forma 26)¹⁴. Fernandes (2012:343-344) encontrou em Portugal referências sobre o uso desses recipientes no armazenamento de líquidos e sólidos, incluindo, entre outros, água, azeite e mel. Nas ilustrações feitas pelos artistas europeus que passaram pela cidade, eles aparecem geralmente em duas situações: no pequeno comércio de gêneros e, principalmente, no transporte de água (Figura 6, d). Sua boca estreita facilitava o despejo do líquido, ao mesmo tempo em que impedia que ele fosse derramado durante o transporte. Acreditamos também que um mecanismo adicional permitia a conservação do conteúdo: esses recipientes possuíam um pescoço reentrante que, associado a um lábio quase sempre saliente, permitia a vedação do vasilhame, que podia ser feita com o uso de barbantes e outros materiais. Disputavam espaço com os barris de madeira, também muito utilizados pelos aguadeiros¹⁵.

Recipientes menores destinados ao armazenamento de líquidos foram também encontrados, ainda que em baixa quantidade. Neste grupo, pelo menos duas formas foram identificadas, cada uma representada por uma peça (Figura 5, Formas 27 e 28). Uma delas foi recuperada quase inteira.

Entre os recipientes de abertura restrita foi identificada também a borda de uma peroleira (Figura 5, Forma 29). Esses utensílios eram utilizados no comércio atlântico, servindo para o acondicionamento e transporte de uma quantidade muita variada de produtos. Recipientes como esse vêm sendo encontrados em contextos coloniais ibéricos datados dos séculos 17 e 18, incluindo tanto antigas colônias espanholas (Schávelzon 1991; Pasinski e Fournier 2014:97-98) quanto portuguesas (Etchevarne 2006:66; Dias 2012; Calza et al. 2013:624-625). Analisando peroleiras provenientes de diferentes sítios, Calza et al. (op. cit.) notaram que a confecção desses recipientes era em geral muito mal cuidada, o que vale para a peça recuperada na rua da Assembleia, que é assimétrica, de superfície mal acabada e com tempero composto por fragmentos de quartzo grandes e angulares.

Somam-se aos recipientes acima descritos, um total de 18 peças, que claramente serviam para armazenar ou transportar gêneros, mas cuja forma não pôde ser determinada. É interessante também assinalar que nessa amostra não foram encontrados representantes de alguns tipos que durante o século 19 gozaram de popularidade. Esse foi o caso das botijas globulares com uma alça-ponte bastante característica¹⁶. Representadas à exaustão pelos artistas europeus que visitaram o Rio de Janeiro no século 19, estão completamente ausentes desta amostra.

Embora seja difícil determinar de forma mais precisa os usos dados a cada recipiente pertencente a este conjunto, nos parece certo que uma parte das peças acima apresentadas se relacionava às atividades desempenhadas na esfera doméstica, enquanto outras se ligavam ao comércio de gêneros. Considerando a presença de medidores na amostra, bem como a expressividade numérica de recipientes que podiam ser usados em diversas atividades comerciais, acreditamos ter sido essa a função da maioria dos recipientes desse conjunto. Dadas as características desses utensílios, acreditamos também que eles podem ser associados à comercialização de gêneros em diferentes escalas. A peroleira encontrada no sítio sinaliza comércio de longa distância. Ainda que possa ter sido reutilizada, serve como um indicador importante do envolvimento do Rio de Janeiro, e desse trecho em particular, com o sistema de trocas atlânticas. A presença de outros recipientes grandes, como aqueles associados à forma 21, sugere a comercialização de gêneros a partir de um ponto fixo, situado nas imediações do local de despejo, provavelmente uma loja ou venda¹⁷. A sua conformação pesada, bem como sua elevada capacidade, fazia com que ele se mostrasse inadequado para o comércio ambulante, que exigia deslocamentos constantes e cobertura de longas distâncias. Essa suposição é respaldada pela ausência desse tipo de forma nas inúmeras representações iconográficas do comércio de rua feito na cidade. Outros recipientes, presentes em muitas dessas ilustrações, podem ser relacionados a essas e outras modalidades de comércio, incluindo o ambulante. Este é o caso dos alguidares e da Forma 25. Conforme já notamos anteriormente, os recipientes rasos e com abertura larga prestam-se bem ao transporte, mostrando-se mais úteis, assim, para esse tipo de comércio.

A decoração mais recorrentemente encontrada foi a pintura vermelha, utilizada para recobrir várias peças, recurso utilizado em quase metade delas (49,4%). Acerca do emprego da pintura, é importante observar a ausência de motivos decorativos nas cores vermelha sobre fundo branco ou branca sobre fundo vermelho, compondo motivos vegetais e geométricos, que foram comuns em outros contextos arqueológicos do período (e.g. Souza 2002; Tedesco e Carvalho 2004).

Acreditamos que a pintura vermelha da peça, que podia ser feita na sua parte externa, interna, ou em ambas, possuía uma dupla finalidade. A primeira era de ordem funcional. O recobrimento de utensílios cerâmicos com pintura reduz sua permeabilidade (Rice 1987:231), tornando-os, assim, mais apropriados para o acondicionamento de líquidos, especialmente por períodos mais prolongados. Em documentos coevos referentes à produção cerâmica de Portugal, essa propriedade era tida como importante. Por exemplo, ao discorrer sobre as talhas, uma dessas fontes assinala a necessidade de elas possuírem um certo grau de impermeabilização, a fim de não permitir que os líquidos nelas contidos porejassem pelas paredes (Fernandes 2012:343). A outra finalidade era de ordem decorativa. A análise das peças revelou que a pintura vermelha era colocada quase que invariavelmente na parte mais visível do recipiente, indicando o desejo de torná-la sempre perceptível. Por exemplo, nas peças de boca aberta (Formas 21 a 25), predomina a pintura feita na face interna do recipiente, que é a mais visível. Por outro lado, na talha (Forma 371), a pintura vermelha, quando presente, aparece invariavelmente na face externa, pela mesma razão. É importante notar que, no caso desse recipiente, sua abertura era suficientemente ampla para que a/o oleira/o aplicasse a pintura na face interna, caso

assim desejasse. De modo geral, a pintura vermelha é recorrente nos mais diversos recipientes e inclui até mesmo um dos medidores encontrados. A única forma que não apresentou essa decoração foi a peroleira. Assim como no caso das decorações feitas com as pontas dos dedos nas peças ligadas ao preparo de alimentos, essa decoração parece ter servido como um marcador deste conjunto.

Algumas vezes associava-se à pintura vermelha um tipo de decoração característico, produzido por faixas feitas por beliscados ou digitados, presentes em 11,5% dos recipientes (Figura 8, f). Essas decorações, que não eram estranhas aos portugueses (cf. Fernandes e Carvalho 1998; Santos 2008), ornavam a borda e pescoço dos vasilhames.

Um outro tipo de decoração ainda verificado nesse conjunto era produzido por incisões. Essas decorações eram compostas por ondulos horizontais incisos circundando a peça, eventualmente emoldurados por frisos que delimitavam o campo decorativo (Figura 8, e). Assim como as decorações produzidas por beliscados e digitados, podiam estar associadas à pintura vermelha. Embora esse tipo tenha sido verificado em uma panela, é neste conjunto que ele se mostra mais popular, sendo possível considerar que, em sua origem, estivesse relacionado às formas usadas na estocagem e transporte de alimentos, bem como nos itens de uso multifuncional. Essa decoração também está presente em quase todas as formas associadas a esse conjunto. Ocorre, todavia, com incidências variáveis.

Outras decorações que aparecem na amostra incluem os frisos contínuos feitos por incisão, representados em 4,6% das peças, bem como um tipo muito específico, formando acanalados, possivelmente produzido pela ação da parte lateral do dedo (Figura 8, g). Essa decoração está representada nas ilustrações feitas pelos viajantes europeus que passaram pela cidade no século 19 (Figura 6, h). É encontrada também em Portugal, onde é conhecida como “decoração barroca” (Ferreira 1995).

As tampas

Além dos recipientes utilitários, foi identificado na amostra um total de 81 tampas. Foi possível a distinção de duas variações muito discretas na sua forma. Uma primeira apresenta uma inflexão acentuada próximo à borda, formando uma aba semelhante à dos pratos; na sua parte central, apresenta uma ligeira protuberância (Figura 11, Forma32). A segunda possui um ponto de inflexão que, quando presente, é mais sutil; na sua parte central há uma protuberância um pouco mais acentuada, se comparada à forma 32 (Figura 11, Forma33). Não existe muita padronização nesses dois tipos, podendo alguns deles apresentar características intermediárias.

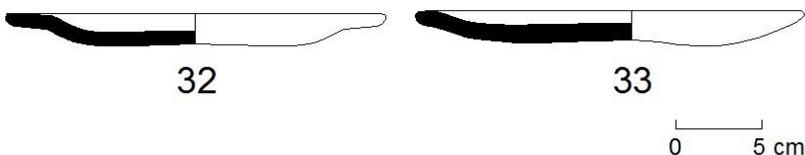


Figura 11. Formas de tampas identificadas.

A feição dessas tampas aproxima-se dos conhecidos testos portugueses, cujo aspecto era muito característico (e.g. Diogo e Trindade 1995; Cardoso e Rodrigues 1997). No entanto, ela é menos angular e profunda do que seu equivalente português. Apresenta também pontos de inflexão bastante distintos dos testos. Essa diferença torna-se mais acentuada se consideramos os apêndices destinados a sua manipulação. Os testos possuíam um alicate de argila tronco-cônico na sua parte central e, na sua extremidade, a “pega”, uma parte expandida da argila que possibilitava o manuseio mais firme. Nas tampas da rua da Assembleia, apenas alças muito largas e grandes foram encontradas. Apresentam-se, assim, como transformações de um modelo português conhecido.

A maioria desses artefatos (56,7%) apresentou fuligem, indicando que uma parte considerável desses itens foi empregada em processos de cocção de alimentos. Alguns deles, todavia, são de menores dimensões e têm um tipo de pasta muito parecido com a usada nos recipientes de estocagem, sugerindo que elas podem ter servido também para a sua vedação. A grande variedade de diâmetros encontrados nas bordas das tampas, que oscilaram entre 10 e 47 centímetros, é um bom indicador dos usos diversificados desses itens.

A AMOSTRA CERÂMICA E SEUS USUÁRIOS

O material cerâmico encontrado relaciona-se muito de perto com as situações de deposição de lixo encontradas no sítio, bem como com sua posição na geografia urbana do Rio de Janeiro. Situado ao fim do arruamento e próximo a um dos limites físicos da cidade à época, o local foi utilizado como ponto de despejo de detritos das redondezas, provenientes de domicílios, casas comerciais e edifícios públicos. Cumpre frisar que o recolhimento do lixo da cidade era uma tarefa desempenhada por cativos, assim como a coleta da água que abastecia a cidade, nos escassos poços existentes. Em função da existência de um poço de água no terreno estudado, somado à lixeira coletiva, é certo que o local foi intensamente frequentado por escravos aguadeiros, vendedores ambulantes e outros cativos, que aí se encontravam frequentemente no cumprimento de suas tarefas. Decerto eles aí se congregavam em encontros e pequenas reuniões para cuidar dos seus interesses, o que é confirmado pelos inúmeros vestígios encontrados e atribuídos a eles, como objetos de uso pessoal e ritual. Essa proveniência distinta dos detritos fez com que o material depositado no local se mostrasse heterogêneo, podendo ser atribuído a um número muito diverso de situações e indivíduos. Entendemos que, dadas as características do sítio, o material cerâmico encontrado na lixeira oferece uma oportunidade muito valiosa: a de explicarmos a cidade em relação aos seus muitos sujeitos.

Examinando o conjunto da amostra, é possível notar certas tendências que permitem caracterizar essa cerâmica como possuindo características próprias, indicativas de certas preferências locais. A decoração produzida com a ponta dos dedos é certamente uma delas, assim como as faixas e frisos existentes em alguns recipientes. Muitas das características ligadas à tecnologia desses utensílios apontam também para especificidades locais, incluindo a preferência pelo quartzo como tempero, queimas mal cuidadas, uso do escovado na superfície externa das panelas, predominância da técnica da

modelagem nas peças usadas no preparo de alimentos, e uso do torno nas destinadas à estocagem. A soma dessas características permite identificar a amostra dessa região como distinta de, pelo menos, algumas outras da colônia. Isso sugere que a comunidade local, já a partir do século 17, havia criado referenciais próprios, partilhados pelos diferentes habitantes da cidade. Isso pode ser explicado pela sedimentação gradual de modos particulares de vida. Conforme notou Coaracy (1944:234), já nesse tempo, muitas das famílias que se estabeleceram no Rio de Janeiro não mais se deslocaram, “mantendo a continuidade da população e conservando o fio dos hábitos e costumes que se transmitiram de geração a geração”.

A análise da escala de produção e comercialização dos itens cerâmicos durante esse período poderia permitir um melhor entendimento dos processos que levaram à criação de uma cerâmica com características próprias, mas, conforme vêm demonstrando diferentes autores (Zanettini e Wichers 2009; Agostini 2010), esta não é uma questão fácil de ser equacionada e exigiria esforços que estão além da proposta do presente artigo. Além disso, os dados hoje conhecidos sobre a produção, distribuição e comercialização da cerâmica no Brasil durante o período histórico são ainda escassos. A despeito dessa limitação, podemos considerar que a padronização de certas formas e decorações, bem como a presença de recipientes torneados na amostra, sugerindo uma produção estruturada e em maior escala, indicam que, já nesse período, a cidade contava com um sistema articulado de circulação de utensílios cerâmicos. Com o “fio dos hábitos e costumes”, veio a criação de modos próprios de existência e a adoção de práticas com sabor local. É o que, acima das limitações, parecem sugerir as evidências encontradas.

A presença de traços definidores nessa cerâmica parece, à primeira vista, sugerir que houve no período um processo de redução e convergência das bases culturais dos diferentes habitantes da cidade, mas não acreditamos que foi isso o que, de fato, ocorreu. As evidências encontradas, na verdade, nos sugerem que essa cerâmica comportava uma considerável heterogeneidade de usos, sentidos e significados, estando ela aberta a múltiplas influências e agências.

Essa abertura pode ser em parte explicada pela posição ocupada pelo Rio de Janeiro no projeto colonial português. Em seu estudo sobre a cidade no Setecentos, Coaracy (1944) capturou muito do pessimismo político que a rondava durante boa parte daquele período. Naquele momento, ela ocupava uma posição periférica em relação à economia colonial que, a essa época, estava inteiramente voltada para o nordeste açucareiro. Com as sucessivas descobertas de ouro nos sertões do Brasil a partir do fim do século 17, os ventos mudaram, e, graças a sua posição geográfica, o Rio de Janeiro passou a ocupar um papel de proeminência como entreposto comercial. Sobretudo em função da abertura da picada do Caminho Novo (1700) e, em seguida, da construção de uma estrada nesse mesmo percurso (1711), o Rio de Janeiro passou a permitir acesso rápido aos principais núcleos mineradores, vindo em breve a suplantar São Paulo e Salvador como mediador das trocas com as regiões de mineração. A economia da cidade se fortaleceu, assim como seu papel político e social na colônia, o que culminou com a transferência da capital, em 1763 (Zemella 1990:65-69). Esse processo fez com que o Rio de Janeiro se firmasse como importante entreposto comercial, importador de escravos e hospedeiro de negociantes e

de gente em trânsito. Essa vocação está refletida não só na diversidade encontrada na amostra, mas também, de forma mais específica, em um conjunto de evidências descritas ao longo deste texto. Encontramos nesse material indícios de cerâmicas provenientes de outras regiões. Encontramos também evidências de que esses artefatos estavam relacionados a diferentes escalas de comércio, cobrindo desde as trocas atlânticas até o negócio miúdo, feito pelas mulheres cativas ocupadas com o comércio ambulante. Embora possuindo traços locais, essa cerâmica não está associada, nem de longe, a uma sociedade endógena. Relaciona-se, sim, a uma sociedade aberta a diferentes escalas de interação, conjugando situações locais com outras muito mais amplas.

O fato de estar aberta ao universo atlântico, deu ao Rio de Janeiro uma qualidade cosmopolita, aqui entendida, em um sentido acadêmico, como relacionada ao desenvolvimento de hábitos de coexistência (Appiah 2006). Entendemos que o que encontramos representado nessa amostra é, pelo menos em parte, produto dessa condição, que caracterizou a comunidade local.

A heterogeneidade associada a essa cerâmica pode ser explicada, em outro nível, pela diversidade de sujeitos a ela relacionada. Conforme procuramos assinalar em diferentes pontos deste texto, ela esteve sujeita a algumas influências culturais mais específicas e oriundas de outras partes. A forma globular encontrada nas peças de preparo de alimentos é um caso em questão. Muito possivelmente introduzida pelos africanos que viviam na cidade, é um exemplo do uso de estoques de conhecimento anteriores à condição do cativo.

Já outros elementos presentes nessa cerâmica são atribuídos aos portugueses. Conforme procuramos assinalar, algumas formas parecem reproduzir as usadas em Portugal no mesmo período, incluindo aquelas empregadas no preparo, serviço, consumo e estocagem de alimentos. Padrões decorativos como as faixas colocadas nas bordas dos recipientes de estocagem têm também uma forte conexão com a antiga metrópole. A presença portuguesa nas formas relacionadas a diversos setores do sistema alimentar, bem como sua expressão por meio de componentes estéticos essenciais, sugere uma proximidade afetiva e simbólica de muitos dos usuários desses recipientes com sua ascendência lusitana.

Somavam-se ainda referenciais indígenas, como a decoração corrugada, que sinaliza de forma inequívoca a relação do Rio de Janeiro colonial com as comunidades nativas. Índios destribalizados, urbanos, vivendo em condições análogas às da escravidão tiveram sua força de trabalho apropriada para a execução de obras públicas e para a construção civil em geral. Trabalhando na coleta do sal, pesca da baleia, salga do peixe, extração da madeira, lavoura, marinharia, entre outras atividades, como pequenos biscates, tiveram sobretudo um expressivo contingente alocado nos serviços domésticos em residências na cidade (Freire e Malheiros 1997), o que talvez possa explicar o recipiente corrugado encontrado.

Levando em conta o exposto acima, pode-se entender que essa cerâmica recebeu algumas influências culturais específicas. Todavia, considerar esse como um único

indicativo da diversidade associada a essa amostra seria uma simplificação, já que se interpõe a essas evidências um conjunto muito significativo de dados, cuja relevância não pode ser ignorada. Eles indicam que muito do que é encontrado nessas cerâmicas constitui inovações ou transformações processadas a partir de expressões conhecidas. Entre as transformações, é interessante notar que muitas delas, geralmente derivadas de modelos portugueses, estão a meio caminho, situando-se entre Brasil e Portugal, entre o velho e o novo, entre a continuidade e a mudança. Isso pode ser percebido nas asas, alças e tampas que, conforme argumentamos, apresentam formas intermediárias entre o modelo que viria a se consolidar no Brasil e aquele vigente em Portugal. Essa feição intermediária revela alguma incerteza na definição do modelo a ser seguido. Ainda que ligada ao vulgar e o cotidiano, essa materialidade não era alheia ao mundo do qual fazia parte e revela um momento de indecisão ligado à vivência colonial.

Para a população livre e branca que vivia no Rio de Janeiro, a conformação de identidades sociais podia ser um processo difícil e permeado por dubiedades e incertezas. Os súditos do Rei no além-mar vinculavam-se à metrópole por sua herança cultural e de sangue, bem como por laços sentimentais, políticos, econômicos e de cidadania. Viam-se, no entanto, imersos na realidade colonial, que envolvia condições muito particulares de existência. Esses indivíduos ocupavam uma posição periférica em relação à metrópole e, muitas vezes, conflituosa. Frequentemente eram dominados pela instabilidade econômica e pelos rigores impostos pela natureza diversa do clima e da geografia local. Ser um colonizador envolvia, certamente, privilégios, mas também perigos, incertezas e ambiguidades, conforme pontuou Memmi (1965:60-65), na sua análise clássica sobre a condição colonial. Esse momento de incerteza, aliás, muito discutido por historiadores¹⁸, fazia parte da vida na colônia. A ele associava-se, pelo menos em parte, a identidade dos colonizadores, assim como a materialidade a eles relacionada que, igualmente fugaz, podia, hesitantemente, situar-se a meio caminho, entre uma condição e outra.

As correlações de forças entre diferentes grupos sociais também contribuíram para as transformações e inovações que identificamos nesses artefatos. Muito do que reconhecemos como relevante nessa materialidade foi produto de negociações culturais entre diferentes sujeitos, com concessões feitas por todas as partes envolvidas. Aquelas feitas pelos eurodescendentes são facilmente perceptíveis, sendo visíveis, por exemplo, nas formas dos utensílios cerâmicos usados no preparo de alimentos que, embora possuíssem afinidades pontuais com uma ou outra forma portuguesa, um ou outro atributo, apresentavam-se com inovações locais muito significativas. Ao mesmo tempo, podiam ter sua feição radicalmente modificada devido a influências outras que lhes eram inteiramente estranhas, como as painéis globulares, introduzidas pelos africanos. No espaço da cozinha, local de trabalho por excelência das/os escravas/os domésticas/os, a emergência de novas práticas foi possível graças a concessões feitas pela população livre em relação aos seus hábitos e costumes. É igualmente visível um considerável número de concessões por parte da população cativa. A adoção de bases planas é um, entre outros exemplos, das que foram feitas por esses indivíduos, ainda que isso possa ter acontecido com certa relutância e sacrifício, conforme pontuou Du Bois (1903), em seu exame sobre a condição do negro na sociedade.

As inovações que encontramos nessa cerâmica também se relacionam à emergência de coletividades inteiramente novas, idealizadas e mantidas no seio da sociedade colonial. A introdução de decorações como os digitados, ungulados e digitungulados representaram inovações importantes que, acreditamos, relacionavam-se com a emergência de algumas dessas novas coletividades. A frequência considerável desse tipo de decoração nos recipientes usados no preparo de alimentos revela a preocupação dos cativos, responsáveis pela sua produção e uso¹⁹, com a criação de uma linguagem comum em um setor com o qual eram muito identificados: o dos serviços domésticos. Ainda que, em termos quantitativos, essa decoração tivesse baixa incidência, ela tinha importância qualitativa, sinalizando a existência de um referencial que podia ser compartilhado de forma mais ampla. O ponto de entrada para trocas interculturais está na qualidade que têm certos elementos ou princípios de serem compartilhados (Appiah 2006:97). As faixas decoradas produzidas pela ação das pontas dos dedos e unhas possuíam essa propriedade. Elas eram de grande simplicidade, não exigiam apuro técnico ou *know how* específico, podendo, assim, ser produzidas de forma expediente. Estavam abertas apenas para a criatividade da/do artesã/o, que podia executá-las com variações muito sutis, a partir de ações específicas dos dedos e unhas. O emprego de um recurso dessa natureza mostrava-se adequado, sobretudo se levado em conta que uma parte da população cativa da cidade era formada por neófitos recém-chegados da África (Soares 2000). Uma vez que não apresentava desafios técnicos, esse tipo de decoração podia ser replicado sem dificuldades por esses indivíduos, e, dessa forma, servir como um mecanismo apropriado de identificação recíproca. A criação desse referencial comum tornou-se importante, sobretudo porque eles tinham diferentes procedências em seu continente de origem e estoques de conhecimento muito diversos que nem sempre podiam ser compartilhados com facilidade.

A vida em cativeiro no Rio de Janeiro exigiu dessas pessoas a criação de vários níveis de alteridade, capazes de dar conta não só das diferenças em relação aos brancos e livres, mas também daquelas que existiam no próprio grupo. Incluíam, assim, diferenças que iam desde as mais amplas, ligadas à condição escrava, até as mais específicas, ligadas a referências étnicas, religiosas, linguísticas e culturais. Estudando as irmandades escravas do Rio de Janeiro no século 18, Mariza Soares (2000) oferece um exemplo importante desse tipo de prática. Na sua pesquisa, identificou formas de organização religiosa que comportavam desde diferenciações mais amplas feitas pelos negros em relação à população branca, até aquelas mais restritas, ligadas aos chamados “grupos de procedência”²⁰, e que eram capazes, muitas vezes, de limitar a indivíduos com laços de afinidade muito estreitos a participação nessas irmandades. Dada a dispersão encontrada na decoração produzida com a extremidade dos dedos em diferentes formas cerâmicas, é possível que ela tenha servido como um mecanismo de diferenciação mais amplo, empregada pelos cativos de modo geral, em oposição à sociedade branca e livre.

Essa decoração traz à luz ainda um último aspecto, que merece ser também considerado. Pelas suas características, ela tinha pouca visibilidade, sendo difícil, em alguns casos, até mesmo sua detecção visual. Mesclando-se às marcas de uso e de fuligem que gradativamente iam tomando o recipiente, podiam tornar-se quase imperceptíveis. Dada essa característica, nos parece que, ao produzi-la, a comunidade escravizada serviu-se da discrição e da sutileza. Opondo-se diametralmente a muito tipos de decoração

produzidos pelas sociedades africanas, que podiam ser dotados de um chamativo apelo estético, essa decoração apresentou-se como uma inovação prudente, quase silenciosa, mas capaz de engendrar em uma sociedade marcada por desigualdades profundas e que tinha nos cativos o seu lado menos favorecido, referenciais que os diferenciavam.

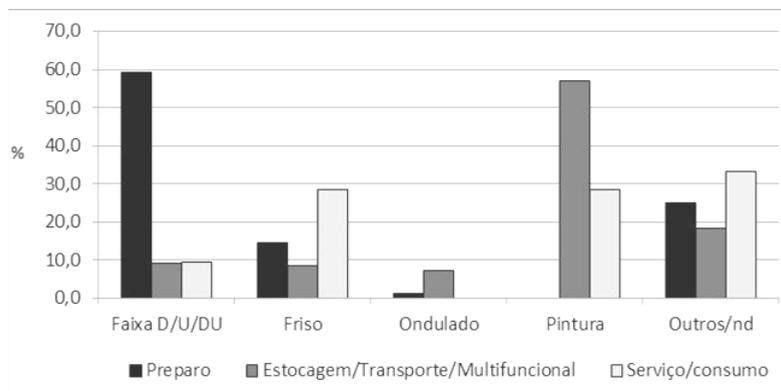


Figura 12. Percentuais dos principais padrões decorativos encontrados na amostra (excluídos os casos de decoração ausente).

As lutas sociais do passado mesclaram-se ao estabelecimento dos elementos empregados na cerâmica de forma inovadora, que passaram a servir de meio para definir alteridades. Conforme argumentou Souza (2002:70-80; 2010; 2013:23-24), a cerâmica setecentista foi frequentemente usada como mecanismo de diferenciação social e cultural, relacionando-se ao caráter estamental da sociedade no período. Sobretudo no nível estético, esses artefatos foram empregados como categorias contrastivas, de modo a tornar salientes as diferenças existentes na sociedade. A fim de retomar esta discussão na presente análise, convém fazer um breve retrospecto dos padrões encontrados nos diferentes conjuntos da amostra. A Figura 12 reúne as frequências percentuais dos principais padrões decorativos encontrados nos três conjuntos cerâmicos examinados. Conforme pode ser notado, as faixas produzidas por digitados, unculados e digitungulados eram predominantemente empregadas nas peças usadas no preparo de alimentos; os frisos circundando a orla do recipiente e feitos por incisão e sulcos eram, por sua vez, predominantemente usados nas peças de serviço e consumo de alimentos; finalmente, as pinturas vermelhas recobrimdo todo o vasilhame e os ondulados feitos por incisão eram predominantes nas peças ligadas ao transporte e estocagem de gêneros, e de uso multifuncional. Esses contrastes marcavam diferenças entre os conjuntos funcionais que, por sua vez, associavam-se a diferentes lugares e espaços, tanto no domínio público quanto no privado. Enquanto, por exemplo, as painéis relacionavam-se às cozinhas, espaço de trabalho escravo, as peças usadas no serviço e consumo de alimentos relacionavam-se aos espaços de sociabilidade e convívio, lugar por excelência da população livre e branca. Nesse sentido, podiam atuar no reforço da diferença. Deve-se considerar, portanto, que se interpunham a referenciais culturais associados à Europa e à África, outros que eram inteiramente novos, forjados pelo encontro de sujeitos muito

diferentes entre si, bem como pelos antagonismos e conflitos que existiam no âmbito da sociedade da qual faziam parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, procuramos dar conta do potencial informativo existente na amostra cerâmica proveniente da rua da Assembleia, no centro do Rio de Janeiro. Uma das nossas preocupações foi apresentar esses dados de forma sistemática. Fizemos isso a partir de uma ordenação baseada em grandes conjuntos funcionais, buscando descrever o que identificamos como relevante e levando em conta variáveis tecnológicas, formais e decorativas. Em seguida, procuramos explorar alguns dos sentidos e significados a eles associados. Na nossa explanação, demos ênfase a três aspectos que no nosso entendimento se ligam mais de perto aos conjuntos analisados: a) sua relação com o desenvolvimento da cidade como centro cosmopolita e de fluxo de mercadorias e pessoas, b) sua relação com sujeitos específicos, e c) sua relação com as lutas sociais do período colonial.

Quanto à análise desses artefatos, é importante pontuar que levamos a sério sua natureza multidimensional. Eles não só se ligavam a diferentes sujeitos e práticas, mas também a conjuntos de forças aparentemente antagônicas: eles expressavam continuidade e mudança, singularidade e heterogeneidade, separação e integração. A esse respeito, é necessário considerar que essas forças eram, ao mesmo tempo, concorrentes e coexistentes, e que foram instrumentais na conformação de práticas culturais e sociais específicas²¹.

Um ponto importante acerca das relações que buscamos explorar neste texto liga-se à emergência do “novo” nos contextos atlânticos. Entendemos que muito mais do que expressar sobrevivências ou abandonos, esses artefatos sinalizam complexidades locais muito específicas, associadas a uma grande diversidade cultural e bem montadas hierarquias, organizadas de acordo com princípios estamentais, conforme notou com muita propriedade Raimundo Faoro (1975).

Há um apelo sentimental quase que irresistível em imaginarmos que as práticas materiais construídas no universo colonial aconteceram, fundamentalmente, em referência a uma origem mítica africana ou portuguesa, razão pela qual existe uma tendência na literatura arqueológica em se identificar como “africano” apenas aquilo que apresenta paralelismos com a África, ou como “português” apenas aquilo que tem paralelismos com Portugal. No que diz respeito à comunidade cativa, este viés tem sido mais recentemente estimulado pelas proposições de autores como Sweet (2003) e Nishida (2003), que têm feito ressurgir a ideia de uma África recriada e transcendente nas Américas. Apesar dessa súplica afetiva, nos parece mais apropriado considerar que as práticas coloniais – e as identidades a elas associadas – ofereciam conteúdos *post facto*. Conforme assinalou Appiah (2005:64), práticas e identidades podem ser vistas não como anteriores ao conflito e à construção da diferença, mas sim como seu resultado, especialmente em contextos coloniais, como alguns exemplos oferecidos por ele bem

ilustram. Relembrando Jean-Loup Amselle na sua discussão sobre mestiçagem cultural, Appiah pontuou que é em um campo estruturado de relações que as práticas e identidades emergem. Nessa forma de raciocínio, elas constroem-se, irremediavelmente, a partir da correlação de forças em causa. Assim, serão sempre locais e situadas. É nesta perspectiva que procuramos entender o conjunto cerâmico da rua da Assembleia. Nesse sítio, nos parece visível que as inovações e transformações foram produto das correlações de forças estabelecidas no mundo colonial, razão pela qual se impuseram, muitas das vezes, às sobrevivências culturais. Fugidias, essas sobrevivências terminaram dominadas de tal forma que cederam lugar a um campo inteiramente novo de formas e expressões materiais. É nesse novo campo, muito ligado à capacidade regenerativa dos sujeitos envolvidos, que, acreditamos, reside o sentido das vivências na colônia. Era dele que vinham os nexos, as formas de organização e as modalidades de expressão material.

Nesta discussão, é importante considerar que tanto portugueses quanto africanos estavam familiarizados com a diferença e a alteridade. A experiência ultramarina portuguesa, iniciada no século 15, envolveu contatos com culturas muito diversas e, para a sobrevivência dessa empreitada, aprestaram-se no trato com o outro e, em muitas situações, no seu controle e direção. No continente africano, a multiculturalidade era lugar comum, assim como a diversidade étnica, linguística e religiosa²². Nesse sentido, é importante que se leve em conta que esses sujeitos não eram aprendizes no trato com o "outro". Foi a partir desse domínio que puderam instrumentalizar, em um novo contexto, um quadro inteiramente novo de relações e práticas, e buscar assegurar sua sobrevivência física e cultural, completamente readequada, de acordo com novas demandas.

Ao notar as ambiguidades presentes na cerâmica histórica oriunda dos sítios norte-americanos, Cobb e DePratter (2012) apontaram uma alternativa com a qual nos identificamos. Nos Estados Unidos, um intenso debate tem se desenvolvido em torno desses artefatos, tendo como foco sua filiação cultural: para alguns de influência indígena, para outros de influência africana (Singleton 1999). Para Cobb e DePratter, essa materialidade está, na verdade, relacionada à volatilidade das vivências coloniais. Para eles, essa cerâmica é de um tipo fractal, resultado do encontro de diferentes mundos e de realidades mutantes. É nessa perspectiva que, acreditamos, a cerâmica encontrada na rua da Assembleia deve ser vista. Entendemos que, muito além das sobrevivências culturais e das idiossincrasias do cotidiano, ela revela um momento crucial da formação social brasileira, permeado por indecisões, incertezas, diferenças, conflitos e, sobretudo, novas formas de ver e lidar com o mundo. Essa materialidade é um testemunho silencioso da emergência dessas novas práticas, amplamente forjadas nas vivências do mundo colonial e cuja trajetória, a longo prazo, impactaria a sociedade brasileira de forma profunda e duradoura.

NOTAS

¹ Não foi identificada uma variabilidade significativa nos diâmetros dos orifícios das hastes dos cachimbos provenientes das diferentes áreas do sítio. Por essa razão, os dados foram considerados de forma agregada. Foram as seguintes as frequências obtidas: 5/64=

20 peças, $6/64= 7$ peças, $7/64= 2$ peças, $8/64= 2$ peças. O *terminus post quem* do sítio foi estimado com base na presença de cachimbos com diâmetro de $8/64$, cujo uso foi descontinuado em cerca de 1680. O *terminus ante quem* da amostra foi obtido com base na ausência de cachimbos com diâmetro de $4/64$, cujo uso tornou-se popular de cerca de 1750 em diante. A partir da aplicação da fórmula Binford (1962) foi obtida a data média de 1719 para essa amostra. Essa data pode ser interpretada como o período no qual a intensidade de deposição de lixo foi mais intensa no sítio.

² Uma vez que a amostra é muito grande, a análise se concentrou nos fragmentos que representavam as bordas e bases. As quantificações realizadas foram baseadas na estimativa do número mínimo de peças (NMP), determinado pela contagem de fragmentos de bordas e bases não coincidentes em cada área. Por se referir ao menor número possível de peças existente em uma amostra, oferece uma estimativa bastante conservadora do seu tamanho. Para todas as áreas consideradas, as bordas mostraram-se sempre mais numerosas e, portanto, serviram de referência para as estimativas feitas.

³ A identificação das peças usadas no preparo de alimentos foi feita, primariamente, pela identificação de marcas de oxidação, e de fuligem nas superfícies interna e externa. De modo complementar, foram usadas como referência formas previamente conhecidas.

⁴ Entendemos essa técnica nos termos propostos por Rice (1987:125) que, segundo ela, consiste na aplicação de uma massa de argila de forma discoidal sobre um molde. Esse molde pode ser um recipiente cerâmico emborcado ou uma cabaça.

⁵ Acerca do saibro, Scheuer (1982:24) identificou, em mais de uma região brasileira, sua utilização como tempero; mas a confirmação desse uso é difícil de ser feita. O mesmo pode ser dito acerca dos fragmentos de conchas (Rice 1987:409-411). Entre os outros tipos de mineral encontrados está a mica. Embora seja crença comum que essa inclusão serve como um marcador da cerâmica dos sítios históricos do Rio de Janeiro, não foi verificada qualquer evidência que dê sustentação a essa assertiva. Assim como ocorre em outros sítios históricos, sua presença é absolutamente fortuita, não apresentando nenhum tipo de recorrência que sugira a seleção de argilas específicas que contivessem esse mineral. Também não foram verificados indícios da sua inclusão deliberada para que servisse como tempero. Conforme se sabe, esse mineral só é capaz de modificar as propriedades da argila quando usado em grandes quantidades (Rice 1987:410), e nessa amostra o número das partículas de mica, quando presentes, é extremamente variável. Esse mineral não apresentou tampouco qualquer tipo de correlação com outros atributos.

⁶ Fazemos aqui a distinção entre alças e asas seguindo uma tendência consagrada na literatura arqueológica brasileira; e conforme o que define a *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica* (Chmyz 1976:121,122), que associa alças a pegadores vazados e asas a pegadores não vazados.

⁷ A reconstituição desta e demais formas presentes na amostra foi feita a partir de comparações com casos previamente conhecidos e da correlação entre as bordas e bases. A sistematização das formas usadas no preparo de alimentos foi feita inicialmente por

meio de uma adaptação do procedimento conhecido como "*sliced method*" (Shennan e Wilcock 1975; Orton et al. 1993:156-157). Esse método foi empregado de modo a permitir a correlação de peças com contornos semelhantes. A partir da classificação resultante, feita por meio de uma análise de *cluster*, foi realizada a interpretação dos dados e ajustes baseados na altura e diâmetro da abertura e base.

⁸ Para o Oeste da África ver, por exemplo, Decorse (1999:153); para a África Central, ver por exemplo, os registros etnográficos feitos nas regiões do Congo (Annales du Musée du Congo 1907:27,60) e Angola (<http://actd.iict.pt/view/actd:AHUD11575>, acesso em 11/2/2016).

⁹ Acerca do diagnóstico de depósitos internos de carbono, ver especialmente Skibo (1990:233-240) e Dantas e Lima (2006).

¹⁰ O agrupamento das técnicas do digitado, ungulado e digitungulado foi feito por duas razões. Em primeiro, porque essas três técnicas produziam padrões decorativos muito semelhantes; em segundo, porque foi percebida uma falta de delimitação clara entre elas, sugerindo que, na sua execução, as/os ceramistas não tiveram a preocupação de torná-las claramente diferentes entre si.

¹¹ Usamos aqui o termo "pintura" em sentido amplo, como relacionado a qualquer tipo de decoração produzida pela adição de pigmentos ou corantes.

¹² Essas peças foram consideradas de forma conjunta, na medida em que possuem características formais, tecnológicas e decorativas muito semelhantes. Essas características comuns se colocam como um desafio na criação de agrupamentos mais restritos. A fim de evitar erros de julgamento na sua separação, elas foram consideradas de forma agregada. A despeito dessa limitação, deve-se considerar que esse conjunto mostra-se, na sua totalidade, distinto dos demais.

¹³ É conhecido o emprego desse tipo de recipiente nos assentamentos dos Orixás (Prandi 1991:244; Silva 2008:104-105). Para outras aplicações em rituais afro-brasileiros, ver a obra de João do Rio (1976).

¹⁴ Fazemos aqui uma diferenciação entre *talha* e *cântaro*. Segundo Fernandes (2012:313-343), ambas caracterizam-se por possuir uma forma bojuda e colo alto; a primeira, todavia, possuía dimensões mais avantajadas. Afora essa diferenciação, encontramos na literatura arqueológica de Portugal, referente ao período moderno, uma tendência em classificar como cântaros os recipientes que, além de serem bojudos e menores, possuíam gargalo longo e estreito (e.g. Alves et al. 1998; Luna e Cardoso 2004), o que distancia esse tipo de recipiente daquele encontrado no sítio. Formas semelhantes às recuperadas na rua da Assembleia e classificadas como talha podem ser encontradas especialmente em Gomes (2012:58) e Silva e Guinote (1998).

¹⁵ No nível mais profundo do sítio, foi encontrado, imerso no lençol freático, um barril de madeira, que atesta a utilização desse tipo de recipiente na coleta de água do poço

existente no terreno. Esses barris podiam ser usados para o despejo de dejetos, bem como para o transporte de água e outros gêneros (Lima e Locks 2016). Os barris empregados no transporte de água aparecem também com frequência na obra dos artistas europeus que passaram pela cidade no século 19. Ver, por exemplo, “*Carregadores de água*”, de Johann Moritz Rugendas, 1822-1825.

¹⁶ Ver uma representação desse tipo de recipiente em “Os refrescos à tarde no Largo do Paço”, Jean-Baptiste Debret, 1835.

¹⁷ Seguimos aqui a classificação apresentada por Figueiredo (1993:41-42) para Minas Gerais do século 18. Segundo ele, havia três modalidades de comércio no período: as *lojas*, estabelecimentos de maior porte controlados pela população livre eurodescendente e onde eram vendidos “secos” (tecidos, artigos de armarinho, utilidades domésticas, etc.) e “molhados” (bebidas e comestíveis em geral); as *vendas*, estabelecimentos de menor porte geralmente controlados por mulheres forras e onde eram comercializados “secos” e gêneros básicos; e o *comércio ambulante*, responsável pela venda miúda dos mais variados itens, geralmente feito pelas cativas e controlado por mulheres pobres.

¹⁸ Ver por exemplo as discussões propostas por Caio Prado Junior (1942) e Fernando Novais (1995). Acerca do Rio de Janeiro, ver especialmente Cavalcanti (2004:108-110).

¹⁹ É conhecido o envolvimento dos cativos com a produção de recipientes cerâmicos no Brasil. A esse respeito, ver especialmente Mott (1976) e Agostini (2010). No que diz respeito ao uso de recipientes cerâmicos na cozinha e seu envolvimento com a população escravizada, ver, em especial, as análises arqueológicas realizadas por Dias Jr. (1988), Jacobus (1996), Agostini (1998), Souza (2000:55-94; 2002, 2010) e Symanski e Gomes (2012).

²⁰ Segundo a autora o termo deriva do conceito de “nação”, empregado pela população livre na identificação dos africanos. O conceito de “grupo de procedência” privilegia a reorganização desses indivíduos após sua chegada, constituindo uma reelaboração das imputações feitas. Por meio desse conceito são valorizados critérios como porto de embarque, ao lado de alguns componentes culturais, como a língua. Os grupos de procedência incluem os Angola, Mina, Congo, entre outros (Soares 2000:116-119).

²¹ Uma discussão extensiva da relação entre essas forças, bem como exemplos de como isso se apresenta em diferentes contextos ligados ao universo atlântico, pode ser encontrada em Mintz e Price (1992:52-60).

²² A experiência ultramarina portuguesa foi examinada em profundidade por Boxer (2002). Debates acerca da diversidade cultural africana à época do tráfico atlântico são sempre matizadas por posições teórico-metodológicas específicas. Diferentes leituras dessa diversidade podem ser encontradas nos influentes trabalhos de Mintz e Price (1992) e Thornton (1998).

AGRADECIMENTOS

Somos gratos a Lenia Gonçalves Buarque e Marina Coimbra Duque, pela colaboração na análise do material cerâmico.

BIBLIOGRAFÍA

Agostini, C.

1998. Padrões de decoração em vasilhames cerâmicos do Rio de Janeiro, século XIX. *Revista de Arqueologia*, 11:15-25.

2010. Panelas e paineleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. *Vestígios* 4:127-144.

2011. *Mundo Atlântico e clandestinidade: dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX*. Departamento de História, Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro.

Alves, F. J. S., P. J. P. Rodrigues, C. Garcia e M. Aleluia

1998. A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV, Rio de Aveiro A e da zona Rio de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar. In *Actas das 2as jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, J. M. Diogo e H. C. Abraços (eds.), pp. 185-210. Câmara Municipal de Tondela. Tondela.

Annales du Musée du Congo

1907. *Annales du Musée du Congo: Notes Analytiques, Collections Ethnographiques du Congo*. Tome II: Les Industries Indigènes. Facicule I: La céramique. Spineux & Cie. Brussels:

Appiah, A.

2005. *The ethics of identity*. Princeton University Press. Princeton, N.J.

2006. *Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers*. 1st ed., *Issues of our time*. W.W. Norton. New York.

Barros, L. e G. Cardoso

2008. Cerâmicas manuais dos séculos XVI a XVIII de Almada, Cadaval e Cascais. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11 (2):347-360.

Batalha, L. e G. Cardoso

2013. Poço seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa). *Emérita* 1:113-114.

Binford, L. R.

1962. A new method of calculating dates from kaolin pipe stem samples. *Southwestern Archaeological Conference Newsletter* 9:19-21.

Bornheim, G.

1998. A descoberta do homem e do mundo. In A. Novaes (ed.), *A descoberta do homem e do mundo*, pp. 7-16. Companhia das Letras. São Paulo.

Boxer, C.

2002. *O império marítimo português*. Companhia das Letras. São Paulo.

Calza, C. F., Oliveira, M.D.B.G.d., Carvalho, D.D.d.C., Coelho, F.A.d.N., Freitas, R.P.F. e R.T.L. Lopes.

2013. Análise de peroleiras e cachimbos cerâmicos provenientes de escavações arqueológicas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 8 (3):621-638.

Canclini, Nestor Garcia

2006. *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4a edição. EDUSP. São Paulo.

Cardoso, G. e S. Rodrigues

1997. Conjunto de peças de cerâmica do século XVII do Convento de Na. Sra. da Piedade de Cascais. In *Actas do 3o Encontro Nacional de Arqueologia*, pp. 269-288. Câmara Municipal de Almada. Almada.

Cavalcanti, N. O.

2004. *O Rio de Janeiro setecentista*. Zahar. Rio de Janeiro.

Chmyz, I.

1976. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia* 1 (1):119-147.

Coaracy, V.

1944. *O Rio de Janeiro no século 17*. José Olympio. Rio de Janeiro.

Cobb, C. R. e C. B. DePratter

2012. Multisited research on colonowares and the paradox of globalization. *American Anthropologist* 114 (3):446-461.

Dantas, V. J. e T. A. Lima

2006. *Pausa para um banquete: análise de marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe*. Museu de Arqueologia de Xingó, Universidade Federal de Sergipe.

Deagan, K.

1996. Colonial transformation: Euro-American cultural genesis in the early Spanish-American colonies. *Journal of Field Archaeology* 52 (2):135-160.

DeCorse, C.

1999. Oceans apart: Africanist Perspectives on Diaspora Archaeology. In T. A. Singleton (ed.), *I, Too, Am America: Archaeological Studies of African-American life*, pp. 21-37. Smithsonian Institution Press. Charlottesville.

Dias, D. C.

2012. *Peroleiras no Brasil: uma abordagem arqueológica dos recipientes cerâmicos voltados para o transporte marítimo nos séculos XVI-XVIII*, Dissertação de Mestrado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Dias Jr., O.

1988. A cerâmica neo-brasileira. *Arqueo-IAB, Textos Avulsos* 1:3-13.

Diogo, A. M. D. e L. Trindade

1995. Materiais de uma lareira de cozinha destruída no terremoto de 1755. In H.C. Abraços e J.M. Diogo (eds.), *1as jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, pp. 163-170. Câmara Municipal de Tondela. Tondela.

2000. Cerâmicas de barro vermelho, encontradas em entulhos do terramoto de 1531, na intervenção arqueológica da Rua dos Correiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 3 (2):201-235.

Du Bois, W. E. B.

1903. *The souls of black folk*. A. C. McClurg & Co. Chicago.

Etchevarne, C.

2006. Aspectos da cerâmica colonial do século XVII, em Salvador, Bahia. *Clio. Série Arqueológica* 20:53-79.

Faoro, R.

1975. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 2ª ed. 2 vols. Editora Globo. Porto Alegre.

Fernandes, I. C. F., e R. Carvalho

1998. Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela. In J.M. Diogo e H.C. Abraços (eds.), *Actas das 2as Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para seu estudo*, pp. 211-256. Câmara Municipal de Tondela. Tondela.

Fernandes, I. M. G.

2012. *A loiça preta em Portugal: estudo histórico, modos de fazer e de usar*. Tese de doutorado, Departamento de História, Universidade do Minho, Braga.

Ferreira, M. A.

1995. O Barroco na cerâmica doméstica portuguesa. In H. C. Abraços e J. M. Diogo (eds), *Actas das 1as jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*, 151-162. Câmara Municipal de Tondela. Tondela.

Figueiredo, L.

1993. *O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas gerais no século XVIII*. José Olympio. Rio de Janeiro.

Freire, J. R. B. e M. F. Malheiros

1997. *Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro*. UERJ. Rio de Janeiro.

Gomes, R. V.

2012. A Arqueologia da Idade Moderna em Portugal – contributos e problemáticas. *O Arqueólogo Português* 5 (2):13-75.

Harrington, J. C.

1954. Dating Stem Fragments of Seventeenth and Eighteenth Century Clay Tobacco Pipes. *Quarterly Bulletin of the Archaeological Society of Virginia* 9 (1):10-14.

Jacobus, A. L.

1996. Louças e cerâmicas no sul do Brasil no século XVIII: o registro de Viamão como estudo de caso. *Revista do CEPA* 20 (23):7-58.

João do Rio

1976. *As religiões do Rio*. Editora Nova Aguilar. Rio de Janeiro.

Leite, J. e M. Nunes

2008. Intervenção arqueológica no Cabeço do Outeiro: uma ocupação rural dos séculos XVII-XVIII. *Oppidum* Número Especial:177-194.

Lima, T. A. e M. Locks

2016. Comendo o que ninguém quer: consumo de cabeça de boi entre escravos urbanos do Rio de Janeiro, século XVIII. In F.C. Soares (ed.), *Comida, cultura e sociedade: arqueologia da alimentação no mundo moderno*. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. No prelo.

Luna, I. e G. Cardoso

2004. Nota preliminar sobre as cerâmicas provenientes do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras. In *Actas do 3º Seminário do Património da região Oeste*, Sobral de Monte Agraço.

Memmi, A.

1965. *The colonizer and the colonized*. 1st American ed. Orion Press. New York.

Mintz, S. W. e R. Price.

1992. *The birth of African-American culture: an anthropological perspective*. Beacon Press. Boston.

Morales, W. F.

2001. A cerâmica "neo-brasileira" nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 11:165-187.

Mott, L. R. B.

1976. Subsídios à história do pequeno comércio no Brasil. *Revista de História* 53 (105):81-106.

Nishida, M.

2003. *Slavery and identity: ethnicity, gender, and race in Salvador, Brazil, 1808-1888, Blacks in the diaspora*. Indiana University Press. Bloomington.

Noël Hume, I.

1969. *A guide to artifacts of colonial America*. 1st ed. Knopf. New York.

Novais, F. A.

1995. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. Hucitec. São Paulo.

Orton, C., P. Tyers e A. G. Vince

1993. *Pottery in archaeology, Cambridge Manuals in Archaeology*. Cambridge University Press. Cambridge, New York, NY.

Pasinski, T., e P. Fournier

2014. Ceramics: the Ibero-American shipping container. In C. Smith (ed.). *Encyclopedia of Global Archaeology*, Springer. New York.

Prado Júnior, C.

1942. *Formação do Brasil contemporâneo*. Livraria Martins. São Paulo.

Prandi, R.

1991. *Os candomblés de São Paulo*. Hucitec. São Paulo.

Rice, P. M.

1987. *Pottery analysis*. University of Chicago Press. Chicago.

Santos, P. A.

2008. Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11 (2):325-345.

Schávelzon, D.

1991. *Arqueologia histórica de Buenos Aires*. Corregidor. Buenos Aires.

Scheuer, H. L.

1982. *A tradição da cerâmica popular*. Livramento. São Paulo.

Shennan, S. J. e J. D. Wilcock.

1975. Shape and style variation in Central German Bell Beakers. A computer assisted study. *Science and Archaeology* 15:17-31.

Shepard, A. O.

1956. *Ceramics for the archaeologist*. Carnegie Institution of Washington. Washington.

- Silva, R. B. d. e P. Guinote
1998. *O Quotidiano na Lisboa dos descobrimentos. Roteiro arqueológico e documental dos espaços e objectos*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Lisboa.
- Silva, V. G. d.
2008. Arte religiosa afro-brasileira: as múltiplas estéticas da devoção brasileira. *Debates do NER* 9 (13):97-113.
- Singleton, T. A. (ed.)
1999. *"I, too, am America": archaeological studies of African-American life*. University Press of Virginia. Charlottesville.
- Skibo, J. M.
1990. *Use-alteration of pottery: An ethnoarchaeological and experimental study*, Department of Anthropology, University of Arizona. Tucson.
- Soares, M. d. C.
2000. *Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.
- Souza, M. A. T. d.
2000. *Ouro Fino. Arqueologia histórica de um arraial de mineração do século XVIII em Goiás*, Dissertação de Mestrado, Departamento de História, Universidade Federal de Goiás. Goiânia.
2002. Entre práticas e discursos: a construção social do espaço no contexto de Goiás do século XVIII. In A. Zarankin e M. X. Senatore (eds.), *Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul. Cultura material, discursos e práticas*, pp. 63-85. Ediciones Del Tridente. Buenos Aires.
2010. Divisões sociais, utensílios cerâmicos e o preparo da farinha de mandioca no Brasil colonial. *Clio. Série Arqueológica* 25:97-127.
2013. Por uma arqueologia da criatividade: Estratégias e significações da cultura material utilizada pelos escravos no Brasil. In C. Agostini (ed.), *Objetos da Escravidão: abordagens sobre a cultura material da escravidão e seu legado*, pp. 11-36. Editora 7 Letras. Rio de Janeiro.
2015. When all bases are flat: Central Africans and situated practices in the eighteenth-century Brazil. In P. P. Funari e C. E. Orser Jr. (eds.), *Current Perspectives on the Archaeology of African Slavery in Latin America*, pp. 77-97. Springer. New York.
- Souza, M. A. T. d. e L. C. P. Symanski
2009. Slave communities and pottery variability in Western Brazil: The plantations of Chapada dos Guimarães. *International Journal of Historical Archaeology* 13 (4):513-548.
- Sweet, J. H.
2003. *Recreating Africa: culture, kinship, and religion in the African-Portuguese world, 1441-1770*. University of North Carolina Press. Chapel Hill.

Symanski, L. C. P.

2006. *Slaves and planters in Western Brazil: material culture, identity and power*, Department of Anthropology, University of Florida. Gainesville.

Symanski, L. C. P. e D. M. C. Gomes

2012. Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). *Anais do Museu Paulista* 20 (2):53-90.

Symanski, L. C. P. e M. A. T. d. Souza

2007. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 33:215-243.

Tedesco, G.V. L. e H. B. Carvalho

2004. *A cerâmica de Vila Boa de Goiás dos Séculos XVIII e XIX*. Sebrae. Goiânia.

Teichner, F.

2003. Dois conjuntos de cerâmicas quinhentistas, provenientes do Convento de São Domingos e do claustro da Igreja de São Francisco, em Évora (Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 6 (2):501-520.

Thornton, J. K.

1998. *Africa and Africans in the making of the Atlantic world, 1400-1800*. 2nd [expanded] ed. Cambridge University Press. New York.

Zanettini, P. E.

2005. *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista*, Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo.

Zanettini, P. E. e C. A. M. Wichers

2009. A cerâmica de produção local/regional em São Paulo colonial. In W. F. Morales e F. P. Moi (eds.), *Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira*, pp. 311-334. Anablume. São Paulo.

Zemella, M. P.

1990. *O abastecimento da Capitania das Minas Gerais no século XVIII*. 2^a. ed, *Estudos históricos*. HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo.

LOS AUTORES

Marcos André Torres de Souza

Professor do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro / Programa de Pós Graduação em Arqueologia e Pesquisador do CNPq. Possui graduação em Arqueologia pela Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás, Doutorado em Antropologia

por Syracuse University, EUA, e pós-doutorado pelo Museu Nacional / UFRJ (CNPq). Tem se dedicado à investigação de sítios históricos e, em particular, àqueles associados à Diáspora Africana. Seus interesses de pesquisa incluem: arqueologia da paisagem, tópicos ligados à reformulação, emergência e reprodução de práticas culturais e sociais, bem como processos culturais decorrentes de diásporas e movimentos migratórios de larga-escala. Atualmente, coordena o projeto “Perspectivas Atlânticas da Diáspora Africana”, que tem como objetivo central o estudo arqueológico e documental de alguns dos impactos e consequências do processo de dispersão de africanos no Brasil durante a época do tráfico atlântico de escravos

Tania Andrade Lima

Professora do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo e com pós-doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo, foi fundadora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional/ UFRJ entre 2006 e 2012, bem como curadora das suas coleções arqueológicas, entre 1999 e 2015. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, desenvolve pesquisas tanto em arqueologia pré-histórica (pescadores-coletores do litoral centro-sul brasileiro, ceramistas tupiguarani) quanto histórica (arqueologia da diáspora africana, arqueologia do capitalismo).